

**O Estado de S. Paulo:**  
permanência dos discursos (1940-1942)

Alexandre Andrade da Costa

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

COSTA, AA. *Caleidoscópio político: as representações do cenário internacional nas páginas do jornal O Estado de S. Paulo (1938-1945)* [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. 371 p. ISBN 978-85-7983-113-3. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

## 2

# O ESTADO DE S. PAULO: PERMANÊNCIA DOS DISCURSOS (1940-1942)

### As representações da queda da França

*A democracia não perecerá, a história não assistirá ao retrocesso do homem às mais sombrias horas da sua evolução. O gregarismo primário não tomará o lugar do individualismo consciente.<sup>1</sup>*

(Julio de Mesquita Filho)

*“Traduzindo todo este moralismo em palavras mais francas: é possível que eu adquira até mentalidade nazista (duvido); é certo que verei sem desaprovação a nazificação do mundo e a reconheça com lealdade. Me basta que eu não me sirva disto para tirar nenhum proveito material pessoal. O que, aliás, ainda é uma espécie de vitória da inteligência...Dentro das democracias como dentro dos nazismos. Ai, como o homem é superior aos humanos!...”<sup>2</sup>*

---

1 Carta a Marina Mesquita, datada de 19 de junho de 1940 (in Mesquita Filho, 2006, p.172).

2 Correspondência de Mário de Andrade a Sérgio Milliet (in Duarte, 1971, p.335).

Sob o argumento de que os jornalistas escondiam armas na redação, o prédio foi invadido, no dia 25 de março de 1940, e o matutino passou às mãos da ditadura, que, desde 1937, lhe trouxera os maiores dissabores. Ao analisar os acontecimentos, Paulo Duarte (1971, p.46) lembra que

Jamais a imprensa e o livro foram tão fundamentalmente achincalhados no Brasil como na vigência do Estado Novo. [...] escritores e jornalistas foram para os presídios e expulsos do país. Só pode exercer a profissão jornalística quem fosse amigo da situação ou se conformasse. Um dos mais importantes órgãos da imprensa brasileira, “OESP”, foi assaltado pela ditadura, que se apoderou dele, expulsou os donos, lá colocando gente sua, para que o jornal continuasse a sair com orientação ditatorial! Nenhuma satisfação se deu à opinião pública. Nesse caso de “OESP” foram violados, ao mesmo tempo, todos os institutos jurídicos básicos do país: a Constituição, o Código Civil, o Código Comercial, o Código Penal e o Código de Processo! O absurdo de uma alegada conspiração, que teria sede naquele jornal, pareceu tão escandaloso que nem o Tribunal de Segurança, órgão instituído para aplicar o arbítrio da tirania em lugar do direito escrito – nem esse instrumento dócil nas mãos da ditadura teve coragem de pactuar com crime tão mal disfarçado e impronunciou todos os diretores e redatores do jornal acusados. Pois, apesar disso, o ditador foi feito membro de honra da Associação Brasileira de Imprensa, que se castrou, sorridente, da própria dignidade. Mas a Associação Brasileira de Imprensa indenizou-se de tamanha amputação moral com um dote, em espécie que a tornou proprietária de um arranha-céu.

Além de enfrentar o exílio, a essa época na Argentina, Julio de Mesquita Filho teve de suportar a ocupação e a entrega do periódico a Abner Mourão, ex-diretor do *Correio Paulistano* e amigo do ditador.<sup>3</sup>

---

3 Em um dos artigos que publicou enquanto esteve no exílio e que foi, posteriormente, reunido no livro *Prisão, exílio e luta...*, Paulo Duarte (1946, p.213-14) afirmou que *O Estado de S. Paulo* “mesmo após o golpe de Estado de 1937 permaneceu fiel às suas tradições de liberdade. A censura à imprensa impedia,

O jornal voltou à circulação no dia 7 de abril do mês subsequente. Ainda que o seu editorial estivesse radicalmente modificado e professasse ideais que os lídimos proprietários dificilmente assinariam, os comentários publicados com destaque gráfico permaneceram com as mesmas características e frequência.

A partir dessa data, todavia, o jornal não era o mesmo. Antes o periódico se pautava pelos ideais do liberalismo e pela defesa, no que concernia às relações internacionais, dos países que compunham o campo democrático contra os totalitarismos. Desse momento em diante, o jornal era parte da ditadura, um porta-voz do governo, parte da estrutura criada pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) para a sustentação e divulgação dos feitos do regime inaugurado em 10 de novembro de 1937.

A relevância que o jornal possuía para os projetos do governo, naquele cenário, foi lembrada por Marina Mesquita, que, em carta a seu esposo, escreveu:

Ficar com o jornal no pé em que as coisas estão não é possível. Com esse governo, mesmo que o jornal fosse devolvido, seria impossível continuar conosco dada a situação do papel – os impostos novos criados – e a limitação de páginas que vai ser imposta daqui por diante. O *Estado* com poucas páginas não vive. O *que é mais radical que tudo isso: o governo declarou que o único jornal nacional do Brasil é o Estado e tem por isso de pertencer ao país.*<sup>4</sup>

---

porém, qualquer manifestação em desacordo com a ditadura. Aquele órgão tomou, entretanto, uma atitude completamente neutra. Se não podia exprimir a sua opinião, abstinha-se de qualquer elogio ou referência favorável à ditadura. Nem mesmo elogios à Inglaterra, depois que arrebentou a segunda grande guerra europeia, eram permitidos publicar. Mas a ditadura precisava de OESP. [...] O senhor Getúlio Vargas nomeou um amigo para dirigi-lo, o qual desde então lá se encontra, dando ao jornal tradicionalmente democrático a orientação totalitária em que se mantém...”. Bad Neighbor Vargas, artigo dado a *The Nation*, de Nova York, em setembro de 1941.

4 Carta de Marina Mesquita a Julio de Mesquita Filho, datada de 5 a 8 de junho de 1940 (in Mesquita Filho, 2006, p.156, grifo nosso).

Não se pode esquecer de que as dificuldades de colocar novamente o jornal em circulação foram minimizadas por medidas como a citada por Marina, como a diminuição do número de páginas em razão da escassez de papel, que vinha do exterior. Com um número menor de colaboradores, as possíveis deficiências poderiam ser justificadas por restrições que tinham caráter externo.

Não obstante os problemas advindos da ocupação do periódico e da nova orientação que a ele era transmitida, Julio de Mesquita teve de enfrentar, a distância, as negociações que envolviam a venda do jornal para o governo. Indignado com essa situação, ele redigiu uma carta para Marina dizendo:

A nova fase da guerra se abre ao mesmo tempo que eu me vejo cada vez mais abalado pelas notícias que tanto a sua como a carta do Alfredo me dão do *Estado*. Que quer você? Não me conformo, não poderei jamais me conformar com a ideia de que ele poderá sair-nos das mãos. Eu aceitaria tudo, fosse o que fosse, menos isso. [...] Não compreendo a vida senão como uma luta em benefício do meu país e da humanidade, e essa luta só é possível através do *Estado*. [...] estamos empenhados na mesma imensa batalha em que se enfrentam duas concepções irreconciliáveis do universo. Pois bem. É preciso resistir, resistir até o fim.<sup>5</sup>

A pressão sobre a família que permanecia no Brasil e as despesas sempre crescentes oriundas da vida no exílio criaram um problema financeiro para Julio Mesquita, que, nas cartas, sugeria a venda de algumas propriedades para manter a educação dos filhos e garantir sua permanência na Argentina. Para o ex-proprietário do matutino, havia entre a situação nacional e internacional uma relação inextricável e, por isso, transferir o jornal para as mãos da ditadura seria

nada mais, nada menos que nos equiparar aos Marquet, aos Flandin, Laval, etc., que estão acabando com a honra da França. [...] Além do

---

5 Carta de Julio de Mesquita Filho a Marina Mesquita, datada de 5 de junho de 1940 (in Mesquita Filho, 2006, p.157, grifo do original).

mais, é preciso não perdermos de vista que a partida está em muito longe de se decidir e que, se a França nos falhou, lamentavelmente, a Inglaterra está escrevendo uma das mais estupendas epopeias de todos os tempos! É para ela que devemos olhar. A maneira como os ingleses têm sabido suportar os incríveis golpes que a deslealdade e a covardia do rei da Bélgica e do governo de Bordeaux lhes vêm todos os dias vibrando e a espantosa coragem com que os vão transformando em motivos para mais ardentemente se lançarem à luta são a melhor prova de que derrotado está quem se julga derrotado e de que a democracia é realmente a mais bela forma de governo com que possa sonhar a humanidade.<sup>6</sup>

Em outra oportunidade, ao escrever para o irmão, Francisco Mesquita, afirmara que “depois, a Inglaterra, a Grécia e os Estados Unidos dariam um jeito nas coisas do Brasil”, tentando mostrar que os problemas brasileiros seriam resolvidos como os alemães, de fora para dentro, num movimento irresistível e internacional, uma vez que, internamente, a população aceitava passivamente a dominação. Assim pensava também Paulo Duarte (1946, p.91), que, ao comparar a situação do país com a das demais nações envolvidas na guerra, sentenciava:

Todos os países ocupados reagem contra os invasores e os usurpadores. Na França, na Bélgica, na Grécia, em toda parte, publicavam-se com uma constância heroica jornais clandestinos, contando a verdade àqueles que o conquistador feroz mantinha segregados. E isso sob o jugo e a vigilância da Gestapo. Por que não acontecia o mesmo no Brasil moqueado, onde a tirania era igualmente sem entranhas, mas onde os seus instrumentos não tinham nem capacidade, nem coragem, nem força bastante para manter o terror espreado sobre os países ocupados da Europa? Essa, a primeira fase a ser vencida, que não se tentava.

---

6 Carta de Julio de Mesquita a Marina Mesquita, datada de 1º de julho de 1940 (in Mesquita Filho, 2006. p.180-1).

A necessidade de se criar um movimento de oposição ao regime estadonovista dentro do Brasil foi levada a cabo por Duarte, que, apoiado financeiramente por Armando Salles de Oliveira, viajou clandestinamente ao país, em julho de 1939, para se encontrar com o ministro da Guerra, Eurico Gaspar Dutra, e propor um golpe contra Getúlio Vargas. O ministro o recebeu e deixou que ele fosse embora. Ficou com os documentos que Paulo Duarte trouxera consigo, dossiês que reuniam as ameaças que pairavam sobre o país, entre elas aquelas que lhes confiara Hermann Rauschning, publicadas logo depois no livro *Hitler me disse*.<sup>7</sup>

Para tratar dos assuntos referentes ao jornal, Julio Mesquita contou com o auxílio de seu cunhado Antônio Mendonça, que esteve à frente das negociações com os responsáveis que essa compra envolvia, como a Caixa Econômica Federal, por exemplo. De Buenos Aires, o ex-proprietário escreveu a Antônio Mendonça definindo sua posição:

Embora tivesse que ficar só, não aceitaria jamais uma solução que implicasse a alienação definitiva e inapelável do *Estado*. No dia em que a lei for soberana em minha terra, estarei pronto a vender a minha parte de ações, se disso depender o bem-estar dos demais membros da família. Sob o jugo de Getúlio, nunca. Fica, pois, entre nós definitivamente entendido: SÓ CONCORDAREI COM A VENDA, CASO FIQUE INSOFISMAMENTE ESTABELECIDO QUE ELA SE EFETUOU SOB VIOLÊNCIA E QUE, PORTANTO, OPORTUNAMENTE, PODERÁ SER ANULADA. Caso contrário, sou pelo abandono do jornal em mãos dos que neste momento estão à sua frente, reservando-me para mais tarde pedir justiça. [...] Se você me disser que a operação poderá ser mais tarde JURIDICAMENTE DESFEITA, muito bem: dar-lhe-ei a minha ratificação. Não sendo assim, poderei ser o único a vir contra ela, mas irei. Eis minha inapelável e definitiva decisão.<sup>8</sup>

7 Tanto em suas memórias como no livro *Prisão, exílio, luta...* (Duarte, 1946), esses episódios são narrados minuciosamente.

8 Carta de Julio Mesquita a Antônio Mendonça, datada de 24 de janeiro de 1941 (in Mesquita Filho, 2006, p.222, destaque do original).

A previsão de que ele seria o único a rejeitar as condições de compra e venda do jornal foi correta. Em 16 de outubro de 1941, os outros proprietários, em carta a Antônio Mendonça, assinalavam:

Diante do novo rumo que tomou o caso do *Estado*, com a recusa de venda de uma parte das ações, vimos declarar a você que continuamos de acordo em vender as ações que possuímos, na base já estabelecida, pelo que confirmamos a você os poderes que lhe demos para a realização do negócio. Como nosso representante você poderá estabelecer as condições de liquidação e praticar todos os atos necessários para fazê-la.<sup>9</sup>

Por fim, quando a venda foi efetuada, somente Julio de Mesquita permaneceu com um percentual mínimo de ações (3.611), enquanto à Fazenda do Estado coube 28.844, enquanto um rol de outras entidades indicadas por ela com 45, totalizando 32.500 ações sociais.<sup>10</sup>

Logo após a ocupação, os responsáveis pela publicação escreveram sobre o mais recente golpe da Alemanha: a invasão da península escandinava. O *Exercício no Weser*, nome dado à operação que determinava a invasão da Noruega e da Dinamarca, iniciou-se em abril e contou com a participação das três armas das forças armadas alemãs: a *Luftwaffe* transportou soldados e material, a marinha se instalou nos principais portos do país e o exército terminou a operação.

No que concerne à relevância da Escandinávia, vale lembrar que, vítima do bloqueio inglês nos mares, a Alemanha buscava, além de bases estratégicas, acumular matérias-primas que a região possuía em grande e valiosa quantidade, com destaque essencial e particular para os minérios de ferro e aço. As imagens que os colaboradores construíram acerca desse conflito não se furtavam em admitir a

---

9 Carta a Antonio Mendonça, datada de 16 de outubro de 1941 (in Mesquita Filho, 2006, p.287). A carta foi assinada por Carolino da Motta e Silva, Ester Mesquita, Francisco Mesquita, Alfredo Mesquita, Antônio L. T. de Barros, Lia Mesquita e Armando Salles de Oliveira.

10 Conforme carta de Antonio Mendonça a Julinho, datada de 31 de outubro de 1942 (in Mesquita Filho, 2006, p.349-50).



ousadia e a perícia de Hitler na execução de seus planos. Segundo um deles, o chanceler alemão “gaba-se de professar ideias revolucionárias. Por esse motivo, adota o lema de Danton: “audácia e sempre audácia””.<sup>11</sup>

A invasão daquela porção do continente custou à Alemanha grande parte de sua marinha de guerra, mas, pela primeira vez, evidenciou de que maneira a aviação poderia atuar conjunta e harmoniosamente com as outras armas na consecução de objetivos estratégicos. Para os colaboradores do jornal, a “quinta arma” foi vitoriosa nessa batalha.

Outro elemento que teve grande participação na efetivação da conquista alemã naquela península foi a ação dos sabotadores conhecida como “quinta coluna”. Especialmente na Noruega, esses grupos facilitaram e prepararam a entrada dos alemães em seu país. Os efeitos nocivos dessa arma foram objeto de análise de um texto não assinado que se referia à quinta coluna como “uma espécie de cavalo de Troia moderno”.<sup>12</sup>

Enquanto a Alemanha apostava na expansão territorial, os Aliados travavam uma luta interna contra esses elementos que ameaçavam a unidade dessas nações. O endurecimento das ações preventivas, como a prisão de elementos que compunham a aristocracia londrina e que eram favoráveis à paz com a Alemanha, foi denominado “totalitarismo de emergência” por um colaborador. Segundo ele, não havia nesse fato nenhum perigo nem retrocesso no que tangia ao político, uma vez que essa evolução das democracias se devia à “brutalidade das circunstâncias”. E finalizava asseverando que “também na conflagração passada se tornaram inevitáveis as ditaduras; na retaguarda, as civis, nas lutas de frente, as militares”.<sup>13</sup>

Em 5 de maio de 1940, a notícia da derrota dos exércitos ingleses no sul da Noruega foi publicada. Todavia, apesar de reconhecer que a vitória alemã tinha sido consumada em virtude da perícia e da ação conjunta das forças armadas, os responsáveis pela publicação

---

11 Cf. “Jutlândia e Escandinávia” in *O Estado de S. Paulo*, 12 abr. 1940, p.14.

12 Cf. “A quinta coluna” in *O Estado de S. Paulo*, 21 abr. 1941, p.28.

13 Cf. “Os auxílios dos aliados” in *O Estado de S. Paulo*, 17 abr. 1940, p.12.

construíram, acerca da batalha travada no extremo norte do continente, uma imagem bastante distinta. Se antes da ocupação os textos defendiam os princípios e os países democráticos, esperava-se que como porta-vozes de um regime que não se pautava por esses ideais os responsáveis pelos artigos, mantidos sob censura, escrevessem análises que reconhecessem e celebrassem as vitórias dos países totalitários, como a Alemanha, por exemplo.

Não foi isso, todavia, o que aconteceu. Sobre as batalhas travadas na parte setentrional do continente, os colaboradores concluíram que a conquista teutônica “não passou de uma vitória de Pirro”, e, no intuito de justificar a confiança que os países neutros deveriam nutrir pelos países que compunham o campo democrático, o colaborador assinalava que os primeiros “ainda não têm elementos para duvidar das disposições dos franco-ingleses nas diversas frentes de combate”.<sup>14</sup>

O texto minimizava a vitória germânica e reafirmava a crença dos responsáveis pela publicação no poder de reação dos Aliados que ainda não tinham sido vencidos completamente. Essa estratégia de apresentação das vitórias germânicas permaneceria idêntica ao longo de todo esse período em que cada conquista era mostrada pelos articulistas como incompleta, levando a decisão final a outros lugares em um desdobramento de batalhas que culminariam, na visão deles, na vitória franco-britânica. Dias depois, uma nova frente foi aberta, quando, em 10 de maio, iniciou-se a marcha dos exércitos teutônicos em direção ao país latino, com a invasão da Holanda, da Bélgica e de Luxemburgo. Chamado de “bicho papão de toda a Europa” por um dos jornalistas do periódico,<sup>15</sup> chegara o momento de o chanceler alemão lutar contra o inimigo natural de todas as suas pretensões no continente: a França.

Após a conquista da Noruega e da Dinamarca, as forças alemãs estavam dispersas, o que contribuía para que se duvidasse de um ataque, com um grande efetivo, contra os franceses. Entretanto, em

14 Cf. “Sexto sentido dos neutros” in *O Estado de S. Paulo*, 8 maio 1940, p.14.

15 Cf. “Discurso de Chamberlain” in *O Estado de S. Paulo*, 9 maio 1940, p.16.

10 de maio, a Alemanha invadiu a Holanda, a Bélgica e Luxemburgo, iniciando aquela que foi denominada de “a maior batalha da História” pelos colaboradores.<sup>16</sup>

Durante a década de 1930, a França ostentava o maior exército do continente e era vista como uma grande potência econômica e militar. As defesas construídas pelos seus governantes, com efusivo destaque para a Linha Maginot, eram tidas como inexpugnáveis.<sup>17</sup> O exército francês, equipado com um grande número de tanques e aeroplanos, contava ainda com grandes nomes que atuaram, durante a conflagração anterior, juntamente com os heróis do Marne e de Verdun. Por isso, além da detenção dos avanços tecnológicos, os gauleses contavam com uma espécie de mística que pairava sob a instituição.<sup>18</sup>

Para o Ocidente, a França simbolizava o triunfo da razão sobre a violência, a valorização da cultura literária e filosófica e os avanços, enfim, em todas as áreas do conhecimento humanístico. Desde o século XIX, nenhuma cidade rivalizava com Paris e a nação francesa era comparada, nos textos publicados nos comentários, assinados ou não, à Hélade.

O colapso da Polônia e dos países escandinavos foi entendido, pelos responsáveis pela publicação, como consequências da falta de preparo e da ausência de mecanismos eficazes de defesa. Nesse sentido, destacava-se, em 12 de maio, que “pela primeira vez a oeste os germânicos encontram pela sua frente adversários prevenidos”.

---

16 Vale lembrar que, à medida que o conflito recrudescia, esse termo era empregado também em outros casos, transformando, dessa forma, cada novo embate no mais gigantesco evento bélico conhecido.

17 Para uma visualização, ver Anexos.

18 Para Marc Bloch (1999, p.26), a queda da França ocorreu em razão da incompetência do Alto Comando Militar. Sobre a mística em relação ao exército gaulês, o autor explica que: “*For a great many journalists and for a considerable number of ‘patriotic’ authors, any general is, by definition, a great general*” (grifo no original). Os colaboradores do jornal também apresentaram os militares franceses como grandes generais. Em um comentário publicado no dia 17 de novembro de 1939, uma pequena biografia dos chefes dos aliados (franceses e britânicos) mostrava ao leitor que aquelas figuras eram experientes e, em sua grande maioria, participaram da campanha vitoriosa na Primeira Guerra Mundial.

E o colaborador continuava assinalando que “não lhes foi possível lançar mão do fator ‘surpresa’, a que deveram os ganhos iniciais”.<sup>19</sup>

Os articulistas afirmavam que as grandes investidas alemãs em todas as direções provocavam dispersão de forças em uma guerra que se desenvolvia por partes. Por essa razão, muitos textos especulavam onde aconteceria o próximo golpe. Assim, essas suposições acerca dos próximos passos dos alemães se constituíam em um esforço de imaginar ou interpretar que, em última análise, revelava as concepções políticas e expectativas dos colaboradores.

Ao realizar esse exercício, escrever rapidamente análises que dessem conta das velozes reviravoltas políticas e da guerra, os autores expunham ao leitor a ideia deles acerca dos fatos mais relevantes do momento. Portanto, podiam-se captar, nas entrelinhas, as mensagens subentendidas que cada artigo trazia. Em 14 de junho lia-se que, “com efeito, a operação vai se executando, mas por partes. Começou pela Escandinávia, prossegue agora na Holanda e na Bélgica. E depois? Haverá ainda paraquedistas e ‘quinta coluna’ para desfechar o golpe final, que deve ferir mortalmente o Império Britânico?”.<sup>20</sup> Vale lembrar que ao apresentar ao leitor a ideia de que a ofensiva se desenvolvia fracionadamente, o articulista formava a opinião segundo a qual o conflito só estaria decidido quando o último inimigo tombasse.

Além dos textos especulativos, outro tema que frequentemente surgiu nos comentários foi a Primeira Guerra Mundial. As batalhas que marcaram a época, os líderes e personalidades marcantes do conflito e as comparações da situação iniciada em 1939 e da que terminou em 1918 contribuíam para a luta simbólica que se travava em torno da memória. Além disso, aos comentaristas, era possível estabelecer semelhanças e idiosincrasias entre aquela situação e a atual, o que tornava o texto ainda mais denso e complexo, fato que reforçava a tese de que a essência dessa iniciativa era mesmo analítica e não meramente informativa. Em 19 de maio, uma dessas comparações foi comentada da seguinte maneira:

19 Cf. “Invasão da Holanda e da Bélgica” in *O Estado de S. Paulo*, 12 maio 1940, p.1.

20 Cf. “Paraquedistas e quinta coluna” in *O Estado de S. Paulo*, 14 maio 1940, p.16.

Segundo as mais recentes notícias, Londres e Paris estão vivendo as mesmas horas ansiosas de agosto de 1914. Há alguma semelhança entre o que se passou naquela época e nesta época. Nas minúcias, porém, a situação é diferente. Da outra vez, após as vitórias de Liège de Charleroi, os invasores avançaram em três grandes colunas sobre a capital da França; agora, infiltraram-se fundamentalmente por uma brecha aberta entre Maubege e Sedan. Formou-se, destarte, uma enorme “bolsa”, que eles procuram alargar, a fim de lograr rapidamente os seus objetivos. Por meio de tanques e da infantaria, chegaram até próximo de Reims, deixando de lado lugares fortificados, de certa valia. [...] Quanto tempo durará a batalha? A do Marne, que conteve os teutônicos a vinte e cinco anos, travou-se em doze dias. [...] Quem leu os escritores teutônicos do após-guerra verificará que não exageramos. Nos seus livros, eles narram que, no decorrer daquela contenda, as contínuas vitórias indignavam as populações. “Que valem as vitórias – indagava então Ernst Graezer – se a nossa vida é cada vez mais insuportável?” E vida da Alemanha de 1940 é quase a mesma de 1918!<sup>21</sup>

A invasão alemã, sustentada da mesma maneira que nas outras batalhas, com a aviação, a infantaria e os esquadrões mecanizados, era motivo de tensão no país latino. A brecha a que o colaborador se referiu, além de não ser fechada, aumentou até que as linhas francesas foram rompidas e os invasores avançassem em várias direções ameaçando a capital, Paris. Apesar de a situação indicar claramente que algo muito errado acontecia na França, o texto publicado no jornal em 22 de maio visava acalmar os mais preocupados e, concomitantemente, obstar o fortalecimento dos que se batiam pelo autoritarismo:

essas conjecturas não devem, no entanto, levar a conclusões precipitadas, porque, como disse o sr. Winston Churchill, no seu discurso de domingo último, “seria ridículo perder a confiança e a coragem ou supor que os exércitos bem treinados e aparelhados, com cerca de

---

21 Cf. “Hora decisiva?” in *O Estado de S. Paulo*, 19 maio 1940, p.30.

três a quatro milhões de homens, possam ser vencidos em algumas semanas, apenas, ou alguns meses, por meros golpes de surpresas e emboscadas, e reides de carros de assalto, por mais poderosos que sejam.” [...] Todavia, não é a primeira vez na história que a França atravessa momentos difíceis. Os atuais dirigentes das tropas franco-britânicas já presenciaram situações críticas na última guerra, e o próprio general Weygand, que assume o comando quando a nação francesa corre perigo, foi o braço direito de Foch.<sup>22</sup>

Percebe-se que, além da preocupação de tranquilizar os leitores acerca do futuro da Europa e da civilização, recordava-se que um dos comandantes das tropas aliadas era um dos principais auxiliares de Foch, herói da conflagração anterior. Além disso, reforçando a assertiva de Winston Churchill, os colaboradores julgavam ridículo supor que a França seria vítima da *blitzkrieg*. Todavia, à medida que más notícias chegavam do Velho Mundo, os responsáveis pela publicação pareciam acreditar que a derrota francesa se devia, em grande parte, a uma série de erros.

Um desses equívocos teria sido a não destruição das pontes sobre o Rio Mosa, que facilitou o trabalho dos tanques. E mais, em vez de uma contraofensiva organizada, o que se viu foi a fuga desesperada dos exércitos gauleses, que, da noite para o dia, deixavam de existir.<sup>23</sup>

---

22 Cf. “Momentos de apreensões” in *O Estado de S. Paulo*, 22 maio 1940, p.1.

23 O pânico que acometeu alguns exércitos franceses durante a batalha da França foi narrado detalhadamente por William Shirer (s. d., v.2, p.389-90): “O pânico espalhou-se tão rapidamente que os soldados dos dois regimentos de infantaria e dos dois regimentos de artilharia – a espinha dorsal da 55ª Divisão – logo corriam na maior desordem pela estrada de Bulson abaixo. Os oficiais não tentaram detê-los. Na verdade, alguns oficiais estavam na frente daqueles bandos aterrorizados. O general Lafontaine e os oficiais de seu Estado Maior, vendo os fugitivos aproximarem-se do Posto de Comando de sua divisão, ao sul de Bulson, saíram para a estrada a fim de tentar detê-los. Colocaram-se caminhões transversalmente, na estrada, para bloqueá-la. Mas as tropas conseguiram transpor os obstáculos e continuaram na fuga durante a noite, a maioria sem parar, até alcançarem Reims, a 96 quilômetros de distância. Tinham fugido apavoradas dos tanques alemães, convencidas, como estavam, de que eles vinham em sua perseguição”.

A confluência de três outros fatores contribuiu, na visão dos articulistas, para o colapso gaulês: a ação dos sabotadores, a quantidade de divisões blindadas lançadas na frente ocidental e a propaganda alemã. A força atribuída e os métodos utilizados pela Alemanha e, em certa medida, adotados também pelos aliados representavam um novo tipo de guerra, na qual os alemães pareciam possuir enorme vantagem. A título de exemplo, veja-se o comentário do dia vinte e sete de abril, que mencionava:

há poucos dias, voou sobre Paris um avião solitário. E que atirou umas placas transparentes nas quais se viam, numa das faces, soldados galeses e alemães mortos, emaranhados nos arames farpados, e noutra, contra a luz do sol, um fleumático britânico, em doce contemplação, diante de uma mulher. Com as placas, caíram ainda alguns manifestos em que se procura estabelecer a cizania entre os habitantes das duas nações aliadas.<sup>24</sup>

Podem-se avaliar os efeitos que propagandas como causavam no ânimo daqueles que, desde o início, se recusavam a “morrer por Dantzig”. Além disso, julgava-se que os ingleses não estavam mesmo dispostos a enviar ao continente número elevado de soldados, tampouco de aeroplanos, que foram requisitados em grande número pelos comandantes galeses, o que reforçava a ideia de que, na hora fatal, a França fora abandonada por sua fiel aliada.<sup>25</sup>

Outro fator que ampliou o drama vivido pelos franceses foi a rendição da Bélgica. O rei Leopoldo não acreditava na vitória das forças franco-britânicas e decidiu render-se, expondo os exércitos aliados ao cerco e isolamento.<sup>26</sup> Ao comentar a capitulação, os articulistas

24 Cf. “Imponderáveis burlescos” in *O Estado de S. Paulo*, 27 abr. 1940, p.16.

25 O general Basel Liddell-Hart, por exemplo, autor de vários livros sobre o período, era contra qualquer auxílio aos franceses que dependesse de envio de soldados e material de guerra.

26 Segundo William Shirer (s. d., p.72-3), “Talvez o ato do Rei da Bélgica não nos surpreenda ao lembrarmos de sua atitude política durante aqueles anos. Tirou seu país da aliança militar com a França e a Grã-Bretanha em 1936. Insistiu

iniciaram o artigo publicado em 30 de maio, descrevendo um pouco da história dos reis. Segundo eles

a história dos reis constitui um dos capítulos mais interessantes de todas as histórias dos dirigentes de povos. Porque o monarca ou imperador traz consigo uma série de tradições, de preconceitos que os demais não revelam. [...] Mas ninguém pode deixar de reconhecer que o rei é, geralmente, um símbolo. [...] Reis houve, lídimos guerreiros, defensores do seu povo, que colocaram acima de tudo a vida e a honra ao serviço da pátria, enquanto outros, menos imbuídos dos sentimentos, que em chefe deve ter para com sua gente, revelaram as suas fraquezas, nos momentos difíceis. A história está cheia de exemplos: bons e maus. Quando se refere ao rei Arthur, fundador da Ordem dos Cavaleiros da Távola Redonda, surgem logo uma série de fatos ligados a sua história, que relembram a vida heroica desse soberano lendário. [...] Certo, ainda é cedo para julgar-se a atitude do rei Leopoldo III. A sua capitulação data de dois dias e não houve tempo para se apurarem as circunstâncias que o levaram a decidir-se desse modo, no momento em que os aliados jogavam com as forças belgas, na contraofensiva alemã.<sup>27</sup>

---

para que a Bélgica retomasse sua posição de país neutro embora a invasão de 1914 – quando seu pai reinava – tivesse demonstrado quão pouco os alemães a respeitariam, e persistira em mantê-la mesmo depois da ocupação da Áustria por Hitler em 1937 e da Tchecoslováquia em 1939; e o ataque do ditador nazista à Polônia, nesse mesmo ano, havia demonstrado o desprezo e o desrespeito da Alemanha nazista à independência de países vizinhos. Depois de começada a guerra, Leopoldo recusou conversações de seu Estado-Maior com os aliados, as quais objetivaram preparar uma defesa comum contra os alemães, mesmo quando os planos destes, de uma invasão da Bélgica, lhe caíram nas mãos. Somente no último momento, depois que as tropas de Hitler estavam invadindo suas fronteiras, é que pediu ajuda aos aliados. Mesmo assim, quando a França e a Grã-Bretanha foram em seu auxílio, não julgava que a Bélgica tivesse alguma obrigação para com elas, exceto lutar em sua própria defesa. [...] Em 25 de maio, finalmente, em sua última reunião com os ministros, disse-lhes que a causa dos aliados estava perdida, que não mais havia razão para continuar a guerra ao lado deles e que talvez tivesse que formar novo governo sob o tacão dos alemães que ocupavam o país”.

27 Cf. “Os reis e a História” in *O Estado de S. Paulo*, 30 maio 1940, p.1.



No mesmo dia, a trágica realidade do exército francês era exposta pelos colaboradores: “com toda a certeza ele se dividirá, uma parte embarcando para a Inglaterra e a outra indo ao último extremo, ao extermínio ou à capitulação”.<sup>28</sup> A imagem de Dunquerque ganhava forma enquanto as estratégias de defesas diminuam e o desespero crescia. Contudo, uma vez mais, os colaboradores representavam a vitória alemã como incompleta, evocando a figura de Pirro: “Quem nos dirá que não se repita a vitória de Pirro, em Heracleia? O grego empregou os elefantes como último recurso, e não venceu os romanos. Os seus êmulos de hoje empregam os tanques motorizados...”.<sup>29</sup>

A retirada das tropas aliadas em direção ao mar foi interpretada pelos articulistas como a maior tragédia da história militar.<sup>30</sup> Também nesse caso, os acontecimentos vividos pelos contemporâneos eram comparados com eventos históricos de outras épocas, particularmente a história antiga e o vulto de Napoleão Bonaparte. Em 2 de junho, a retirada franco-britânica foi assim descrita pelo colaborador:

a “retirada dos dez mil”, que Xenofonte descreveu na “Anabase”, muito ficaria a dever se um grande historiador de nossos dias se decidisse a narrar o que está ocorrendo nas costas do mar do Norte, à entrada do canal da Mancha. A despeito de não ser nosso desejo antecipar os fatos, pode-se, porém, dizer que está prestes o encerramento da primeira fase da atual guerra.<sup>31</sup>

É interessante destacar que nesse mesmo dia os colaboradores já entendiam como finalizada a primeira fase da guerra. Assim, o conflito se desdobraria em muitas outras lutas até que um dos con-

28 Cf. “Tanques e trincheiras” in *O Estado de S. Paulo*, 30 maio 1940, p.16.

29 Cf. “Os futuros golpes” in *O Estado de S. Paulo*, 2 jun. 1940, p.1.

30 Os números do embarque foram oferecidos aos leitores em 7 de junho: “conseguram desembarcar nas costas da Inglaterra cerca de 335 mil soldados, enquanto somente perto de 30 mil permaneceram na Flandres na defesa de Dunquerque...”. E o articulista lembrava que a retirada foi “algo de admirável e sem precedentes em toda a história da humanidade” (cf. “Novos objetivos” in *O Estado de S. Paulo*, 7 jun. 1940, p.1).

31 Cf. “Fim da primeira fase” in *O Estado de S. Paulo*, 2 jun. 1940, p.36.

tendores triunfasse. Outro fator digno de nota é que a derrota dos exércitos aliados na frente ocidental não fez que os colaboradores representassem a luta com desespero ou pavor. Não houve também nenhuma espécie de comoção ou demonstração de sentimentalismo no que concernia à queda da França. Pelo contrário, diante do maior drama da história militar daquele país, em nenhum momento os comentários demonstraram falta de confiança no que se referia ao resultado final do conflito, apostando na vitória final das democracias.

Dessa forma, taxavam as preocupações britânicas de “estranho pessimismo” e lembravam que os ingleses lutavam até a última batalha, aquela que, historicamente, jamais perderam.<sup>32</sup> Observe-se que, nesse caso, os responsáveis pela escritura do texto se mostram mais otimistas no que concerne ao andamento da guerra do que os próprios britânicos. O estranho pessimismo aqui denota o desespero que uma possível derrota inglesa significaria para os colaboradores. Assim, agarrados nessa última esperança os articulistas escreveram artigos que representavam os ingleses como um povo de fibra e que suportaria as provações vencendo a batalha final. Todavia, um outro fator veio conturbar ainda mais o cenário. Em 10 de junho, Mussolini declarou guerra à França, aumentando a pressão sob os exércitos gauleses. Diante desses fatos, qual seria a posição que o jornal, órgão do regime estadonovista, adotaria? Em 11, um comentário que interpretava os significados da entrada italiana no conflito e a questão da neutralidade lembrava que

A nossa posição de país neutro, entregue ao estudo e resolução de problemas particulares a sua própria vida, não nos permite que nos embrenhemos num labirinto de fatos que poderia, ao invés de

---

32 O pessimismo passara a ser visto pelos colaboradores como uma das táticas da guerra. No dia 11 de novembro de 1941, se lia, no texto não assinado, que: “pelo exposto, parece que vai ganhando terreno entre os contendores, inclusive da Alemanha, a estratégia e tática do pessimismo. Daqui por diante, os críticos deverão ter cautela com os termos ‘grave’, ‘sério’, ‘alarmante’, ‘aflictivo’, ‘inquietos’, ‘pavoroso’, ‘catastrófico’. Termos esses sujeitos a interpretações várias e interessantes...” (cf. “Variações sobre o pessimismo” in *O Estado de S. Paulo*, 11 nov. 1941, p.16).

aplar, animar controvérsias e avivar inimizades. [...] Se até aqui a posição de neutralidade era aconselhável, doravante ela se torna imprescindível. [...] Os estrangeiros que conosco trabalham devem compreender, e estamos certos de que o compreenderão, que somente respeitando a nossa neutralidade poderão sentir-se garantidos a gozar os benefícios que a terra dadivosa e o povo hospitaleiro, tradicionalmente amigo dos que aqui trabalham, lhes dispensam espontaneamente. [...] voltamos a nossa atenção para o trabalho cotidiano, tendo em vista o sossego dos nossos lares e a felicidade e glória do nosso país. [...] precisamos prestar obediência ao supremo governante da República. Prestigiando-o, reunindo-nos em torno dele, poderemos garantir a nossa paz e a nossa riqueza.<sup>33</sup>

O aspecto fundamental que o excerto evidencia é o clamor no que tangia à unidade interna, necessária na medida em que a guerra parecia se espalhar e ameaçar todos os povos. Vale destacar que esse discurso pela disciplina civil foi característico do jornal ocupado pelo regime varguista e marcava a ruptura fundamental entre o matutino antes e depois da ocupação.<sup>34</sup>

A França era para o Brasil, além de um paradigma político, um guia intelectual e espiritual. As influências do pensamento francês remontavam a longa data e não parece demais afirmar que, a partir do século XIX, os franceses deixaram uma marca importante na história brasileira. Nos primeiros movimentos em torno da ideia de república, os ideais apresentados para romper com a monarquia eram os da nação europeia. Segundo José Murilo de Carvalho (1990, p.12-13):

Entre os propagandistas, o entusiasmo pela França era inegável. A proximidade do centenário da Revolução de 1789 só fazia aumentá-lo. Silva Jardim pregava abertamente a derrubada do Antigo Regime no Brasil, fazendo-a coincidir com o centenário. Não se

---

33 Cf. "Neutralidade" in *O Estado de S. Paulo*, 11 jun. 1940, p.14.

34 Para uma abordagem dessa questão, ver Costa (2006), que compara as representações da Alemanha e dos Estados Unidos nesse período.

esquecia de incluir o fuzilamento do Conde D'Eu, o francês, a quem destinava o papel do infortunado Luís XVI, numa réplica tropical do drama de 1792. O entusiasmo não podia ser melhor expresso do que nas palavras de um oficial da Marinha, recordando em 1912 os tempos da propaganda: “Todas as nossas aspirações, todas as preocupações dos republicanos da propaganda eram de fato copiadas, das tradições francesas, nas menores coisas das nossas lutas políticas lembrávamos a França. A Marselhesa era nosso hino de guerra, e sabíamos de cor os episódios da grande revolução. Ao nosso brado: ‘Viva a República’ seguia-se quase sempre o de ‘Viva a França’. [...] *A França era a nossa guiadora*, dela falávamos sempre e sob qualquer pretexto”. (grifo nosso)

O excerto denota, com profunda precisão, de que maneira a história francesa, seus ideais e sua cultura estavam ligados ao Brasil admitindo-se que a França era o paradigma a ser seguido para a instalação do regime republicano. Como a vitória alemã na França era já uma questão “de horas ou de dias”,<sup>35</sup> o sucesso dos avanços germânicos e a iminente queda de Paris repercutia com intensidade no cenário internacional. No Brasil, o presidente, ao discursar a bordo do couraçado *Minas Gerais*, em 11 de junho de 1940, fez uma análise da situação na qual expunha um libelo aos regimes totalitários enquanto mostrava que as democracias eram sistemas ultrapassados.

O discurso se tornou ainda mais relevante em virtude de outro pronunciamento realizado no dia anterior nos Estados Unidos, oportunidade em que Roosevelt prometeu auxílio às democracias em luta contra o nazismo,<sup>36</sup> enquanto o brasileiro asseverava que

---

35 Esse foi o título do texto publicado em 13 de junho de 1940: cf. “Questão de horas ou de dias” in *O Estado de S. Paulo*, 13 jun. 1940, p.1.

36 Apoio que não chegou a tempo de salvar a França da catástrofe. Antes da derrocada final, Paul Reynaud enviou telegramas a Roosevelt pedindo que os Estados Unidos intervissem na guerra em favor dos aliados. No entanto, ainda era cedo para os americanos e, além disso, havia eleições marcadas para novembro e o presidente, candidato, não queria imiscuir-se no conflito europeu temendo, possivelmente, um retrocesso no pleito.

marchamos para um futuro diverso de quanto conhecíamos em matéria de organização econômica, social ou política, e sentimos que os velhos sistemas e fórmulas antiquadas entram em declínio. Não é, porém, como pretendem os pessimistas e os conservadores empedernidos, o fim da civilização, mas o início tumultuoso de uma era nova. Os povos vigorosos, aptos à vida, necessitam seguir os rumos das suas aspirações, em vez de se deterem na contemplação do que se desmorona e tomba em ruínas. É preciso, portanto, compreender a nossa época e remover o entulho das ideias e dos ideais estéreis.<sup>37</sup>

As palavras de Getúlio Vargas repercutiram tanto no cenário externo quanto no interno. Para os comentaristas, “o tom de suas palavras denunciou a vontade firme de fazer um Brasil sempre respeitado e forte. A oração constituiu, no fundo e na forma, nova orientação da oratória diplomática brasileira”.<sup>38</sup>

Dentro do governo brasileiro havia posições conflitantes, que refletiam a dicotomia existente no cenário internacional. Oswaldo Aranha, ministro das Relações Exteriores, defendia o alinhamento com os Estados Unidos, enquanto Eurico Gaspar Dutra, ministro da Guerra, e o general Góis Monteiro pendiam para a Alemanha. Oswaldo Aranha tentou, então, matizar o discurso do presidente brasileiro. Segundo Stanley Hilton (1994, p.334-5),

parte da solução encontrada por Aranha para superar a tempestade foi combinar, sem dúvida só depois de consultar o chefe do executivo, outra reunião algumas horas depois com os líderes militares, Caffery e o coronel Miller. Nesse encontro de duas horas, Aranha reafirmou a fidelidade do Brasil ao pan-americanismo e à amizade tradicional com os Estados Unidos, mas frisou que receber ajuda para o reaparelhamento das forças armadas era o passo indispensável a qualquer compromisso específico sobre a defesa comum. Para reforçar as declarações do chanceler, Vargas repetiu a Caffery que seu discurso

---

37 Cf. *O Estado de S. Paulo*, 12 jun. 1940, p.3.

38 Cf. “A posição do Brasil” in *O Estado de S. Paulo*, 15 jun. 1940, p.12.

visara apenas alertar o povo brasileiro para as grandes mudanças da vida moderna e com isso justificar medidas para reforçar o país militar e economicamente. Disse inclusive que divulgaria uma nota naquele sentido, o que fez, através do DIP, no dia 13.

A historiografia tradicional interpretou esse discurso como uma ameaça aos norte-americanos, que relutavam em auxiliar o Brasil nos seus principais objetivos.<sup>39</sup> De acordo com essas interpretações, essa atitude se coadunava com a política do “duplo jogo”<sup>40</sup> ou da “equidistância pragmática” (Moura, 1980) adotada pelo presidente. Contudo, para além de uma análise de viés economicista, e relacionando o momento político em que ele foi proferido, o que se percebe é que todo o pronunciamento tinha como finalidade justificar os regimes de cunho autoritário e sinalizar que o Estado Novo estava em sintonia e em harmonia com os vencedores europeus.

As consequências simbólicas da queda de Paris foram enormes. Mário de Andrade, em carta a seu amigo Sérgio Milliet, ao se referir à mais recente conquista alemã afirmava que:

a Alemanha, acabe ou não vencendo esta luta de princípios, acaba de nos dar um dos mais sublimes exemplos de genialidade dirigida, de aplicação específica da inteligência humana. E, se tenho horror ao nazismo, e mesmo o considerando uma etapa de evolução social, se nem agarrado serei nazista em mim, não tenho não só forças, mas nenhum argumento mais para desaconselhar a um moço de 25 anos pra menos a adoção dos princípios nazistas, racistas e comunistas e o diabo. Eles estão com a razão. E o que é mais: *estão com a verdade fatal*. (apud Duarte, 1971, p.333)

39 Segundo Ricardo Antônio Silva Seitenfus (1985), os objetivos brasileiros à essa época eram basicamente dois: armas para o Exército e a construção de uma usina siderúrgica.

40 Para Roberto Gambini (1977), “pode-se dizer que a mensagem velada no discurso de Vargas é uma promessa de aliança se os EUA fornecessem armamentos, e uma ameaça de aproximação da Alemanha caso o pedido não fosse atendido”.

O impacto da conquista alemã foi de uma amplitude tão elevada que, segundo Julio de Mesquita Filho (1969, p.XIII-XIV),

logo após o início da guerra, nos mandava dizer, em carta, que ainda conservamos em nosso arquivo o inesquecível amigo Otelo Franco, cujas relações com o General Góis Monteiro eram de todos conhecidas. Respondendo às linhas que lhe escrevíamos do exílio, Otelo procurava demonstrar-nos que o nosso entusiasmo pela Democracia e a fé que depositávamos na vitória final das potências que a defendiam eram o fruto de nossa ignorância em questões militares, nas quais seria exímio o seu chefe e mestre Góis Monteiro. Para este, se houvesse bom senso e visão real das coisas, não restaria ao Brasil senão conduzir-se de modo a que, na hora inevitável do triunfo nazi-fascista, não nos víssemos na triste condição a que estava fadada a aliança Inglaterra-Estados Unidos, em face do poderio imenso que representavam a Alemanha, a Itália e o Japão. E que tal era o pensamento não apenas da trilogia Góis Monteiro-Dutra-Campos, os três principais assessores do ditador prová-lo-ia Oswaldo Aranha, alguns anos mais tarde, em Santos, diante de um grupo que se formara à volta do Brigadeiro Eduardo Gomes, quando o ilustre brasileiro ali se encontrava para tomar parte num meeting em favor da sua candidatura a Presidência da República, no estádio do Santos Futebol Clube. Éramos umas seis ou oito pessoas em torno do grande democrata brasileiro e comentávamos, exatamente, a atitude do chefe da delegação do Brasil à Conferência de Lima, com base no trabalho a que aludimos e que abre este volume. Inesperadamente, chegou-se ao grupo o sr. Oswaldo Aranha, que, ouvindo-nos afirmar ter sido intenção de Getulio Vargas, em determinados momentos e a conselho dos dois generais que o assessoravam, passar-se na hora oportuna para o campo nazi-fascista, interveio na conversa para asseverar: - Está você muito mais próximo da verdade do que imagina. As coisas chegaram a um tal ponto, depois do esmagamento dos exércitos franceses, que Getulio resolveu convocar o Ministério para que se decidisse a entrada do Brasil na guerra, ao lado de Hitler e Mussolini. Getulio encontrou decidido apoio em Góis Monteiro

e Dutra, mas estes acharam conveniente que se verificasse, antes da decisão final, quais eram as reservas de petróleo existentes no País, pois tinham a certeza de que se aderíssemos ao Eixo não poderiam os Estados Unidos, já em franca cooperação com a Inglaterra, deixar de impedir qualquer fornecimento de combustíveis ao Brasil. Feito o levantamento das reservas, viu-se que eram tão reduzidas que não dariam para mais de três meses. E só por isso não fomos à guerra. Para nos atermos à verdade, diremos que o sr. Oswaldo Aranha, desde o início do seu revelador depoimento, afirmou ter sido a sua única voz a levantar-se veementemente contra os planos do chefe do governo e de seus conselheiros militares.

No que concernia à queda da capital francesa, estabelecendo um paralelo com a carta de Mário de Andrade, nota-se quão díspares foram as apreensões do fato e a maneira como era apresentado aos leitores.<sup>41</sup> Enquanto o escritor paulista representava parte da intelectualidade brasileira que chorava a destruição da nação que simbolizou a cultura e a ilustração, os responsáveis pela publicação, colocando à parte as emoções, assinalavam, resignados, que “neste último século e meio, o destino da grande capital tem sido esse mesmo”.<sup>42</sup>

As fraquezas da Alemanha também foram apontadas frequentemente pelos responsáveis pela publicação. Além disso, os colaboradores assumiram, no que se referia àquela nação, uma postura crítica ao explanar e apontar os enganos cometidos pelos leigos. Assim, durante todo o período estudado, observam-se as críticas feitas à Alemanha como um processo contínuo e crescente que aumentava de intensidade quando as vitórias dessa nação pareciam se estabelecer

---

41 No que concerne à queda da França, o proprietário do jornal, exilado, manifestou-se pesaroso somente no âmbito privado. Em carta à sua esposa, Julio de Mesquita escreveu, de Buenos Aires, com data de 17 de junho de 1940: “A França capitulou! [...] Ao ouvir a espantosa notícia, tive a sensação de que me havia chegado à pele um cabo de alta-tensão! Fiquei estarecido e sem compreender. A França capitulou! Eu podia esperar tudo, tudo. Menos isso!” (Mesquita Filho, 2006, p.169).

42 Cf. “O espírito novo da França” in *O Estado de S. Paulo*, 18 jun. 1940, p.1.



e ampliar. Um exemplo desse fato ocorreu em 20 de junho, quando o colaborador ensinava que “Toda gente imagina que Adolf Hitler foi o inventor do exército que vem alcançando tantas vitórias. Pois não foi: a sua grande tarefa foi a de elevar a forte potência, o que, em pequena escala, fizera o general von Seeckt”.<sup>43</sup>

Outro aspecto que mereceu destaque nos comentários do matutino foi a questão da frente interna na Alemanha, que, durante a Primeira Guerra Mundial, atuou de maneira decisiva para a capitulação. Em 21 de junho, resumizando esse problema, o articulista lembrava que “desde o começo da presente guerra, o Führer não se tem cansado de proclamar, em seus discursos: ‘Nunca mais teremos um 9 de novembro de 1918.’ Isto significa que ele dá excepcional importância ao trabalho de Himmler, chefe da Gestapo”.<sup>44</sup>

A França tombara. Dias depois, um dos textos não assinados anunciava o início da “segunda etapa”, desde logo denominada “a mais importante” e que marcaria a luta entre a Alemanha e a Inglaterra: “é deste embate final que dependem a sorte da Europa e a abertura de novas perspectivas quanto aos destinos do mundo”.<sup>45</sup> A luta nos céus da Inglaterra, de certa forma, trouxe novo alento aos que acreditavam na força das democracias. Para os colaboradores, mais uma razão para continuar oferecendo aos leitores uma análise do cenário internacional que favorecesse os Aliados, minando, por esse meio, a possibilidade de que eles sucumbissem não à tentação autoritária.

No Brasil, enquanto os exércitos alemães derrotavam os franceses, os responsáveis pela publicação concitavam à união e à disciplina. No dia 11 de junho, afirmava-se:

A nossa posição de país neutro, entregue ao estudo e resolução de problemas particulares a sua própria vida, não nos permite que

---

43 Cf. “Os pequenos exércitos” in *O Estado de S. Paulo*, 20 jun. 1940, p.14. A atuação de von Seeckt foi realmente de suma relevância para a reestruturação do exército alemão que não poderia ultrapassar 100 mil homens segundo as imposições do Tratado de Versalhes.

44 Cf. “Planos estratégicos” in *O Estado de S. Paulo*, 21 jun. 1940, p.12.

45 Cf. “Planos ilusórios” in *O Estado de S. Paulo*, 26 jun. 1940, p.14.

nos embrenhemos num labirinto de fatos que poderia, ao invés de aplacar, animar controvérsias e avivar inimizades. [...] Se até aqui a posição de neutralidade era aconselhável, doravante ela se torna imprescindível. [...] Os estrangeiros que conosco trabalham devem compreender, e estamos certos de que o compreenderão, que somente respeitando a nossa neutralidade poderão sentir-se garantidos a gozar os benefícios que a terra dadivosa e o povo hospitaleiro, tradicionalmente amigo dos que aqui trabalham, lhes dispensam espontaneamente. [...] voltamos a nossa atenção para o trabalho cotidiano, tendo em vista o sossego dos nossos lares e a felicidade e glória do nosso país. [...] precisamos prestar obediência ao supremo governante da República. Prestigiando-o, reunindo-nos em torno dele, poderemos garantir a nossa paz e a nossa riqueza.<sup>46</sup>

O texto referia-se à grande colônia de italianos que residia em São Paulo e que poderia sofrer algum tipo de coação em razão da entrada da Itália na guerra ao lado da Alemanha, no preciso momento em que o colapso dos exércitos gauleses era já irremediável. Nesse período, as relações do Brasil com os Estados Unidos sofreram um leve abalo por causa do discurso proferido pelo presidente Getúlio Vargas no dia 11, em que criticava as democracias e tecia elogios aos regimes de força. O discurso foi recebido no âmbito internacional como uma mensagem de apoio aos totalitários, e, no que se referia à democracia, parecia se tratar de uma réplica ao pronunciamento do líder norte-americano, no dia anterior.<sup>47</sup> No dia 15, todavia, após

46 Cf. “Neutralidade” in *O Estado de S. Paulo*, 11 jun. 1940, p.14.

47 Henry Kissinger (1994, p.386) transcreveu um trecho desse discurso que reproduzimos aqui a título de comparação: “*On this tenth day of June, 1940, In this University founded by the first great American teacher of democracy, we send forth our prayers and our hopes to those beyond the seas who are maintaining with magnificent valor their battle for freedom. In our American unity, we will pursue two obvious and simultaneous courses; we will extend to the opponents of force the material resources of this nation; and, at the same time, we will harness and speed up the use of those resources In order that ourselves in the Americas may have equipment and training equal to the task of any emergency and every defense*”.

o trabalho do ministro das Relações Exteriores, Osvaldo Aranha, noticiava-se no comentário que:

O sr. Cordell Hull, um dos maiores estadistas norte-americanos, não hesitou em afirmar à imprensa do seu país a solidez da amizade entre o Brasil e os Estados Unidos: “Nunca – foram as suas palavras – as relações entre os governos brasileiro e norte-americano estiveram mais sólidas e mais íntimas”.<sup>48</sup>

## A batalha da Inglaterra

*Há prognósticos dantescos e apocalípticos. Fala-se na destruição de Londres, no arrasamento de fortalezas e nas chamas imensas que dominarão o país inteiro. [...] Diante da grandeza apavorante desses acontecimentos, ainda por vir, as pávidas criaturas, que se encontram a distância, sentem-se infinitamente pequenas. Não devem ter a filancia de julgá-los de antemão. E quem sabe se não surgirá uma surpresa, que amesquinhe ainda mais a pobre espécie humana?*<sup>49</sup>

*Dizia eu, há tempos, a você, que a situação que enfrenta hoje a Inglaterra se assemelha muito à em que se viu ela diante de Napoleão vitorioso. [...] Com uma pequena diferença, porém: e esta é que nem Hitler pode, de longe, comparar-se a Napoleão, nem Pitti foi um Churchill.*<sup>50</sup>

(Julio de Mesquita Filho)

Com a derrota da França, a Inglaterra estava só na luta contra os exércitos vencedores. Foi nesse período que, conforme Henry

48 Cf. “A posição do Brasil” in *O Estado de S. Paulo*, 15 jun. 1940, p.12.

49 Cf. “Dentro de poucos dias” in *O Estado de S. Paulo*, 17 jul. 1940, p.14.

50 Carta de Julio de Mesquita Filho a Marina Mesquita, datada de 15 de julho de 1940 (in Mesquita Filho, 2006, p.189-90).

Kissinger, Roosevelt adotou um posicionamento que, na prática, equivalia ao abandono da neutralidade.<sup>51</sup> No dia 6 de setembro, um articulista lembrava uma profecia de Walter Rathenau, relacionada ao contexto internacional:

Em 1924, mais ou menos na ocasião em que Hitler se distinguiu numa revolta contra a social-democracia, o infelizmente político alemão assim se manifestou sobre a crise do continente: “Como na Grécia antiga, debatemo-nos numa espécie de guerra de Peloponeso, em benefício dos novos romanos, que são os habitantes dos Estados Unidos...” Que digam da sua justiça sobre estas palavras os modernos Tucídides...<sup>52</sup>

As comparações da situação do cenário internacional em 1940 e em 1917, ano em que os norte-americanos intervieram na guerra, voltaram à cena. Para os colaboradores, com o auxílio aos ingleses,

os Estados Unidos deixaram de manter a rigorosa neutralidade, que era o ideal dos seus estadistas. [...] Nem Woodrow Wilson, que declarou a guerra a Guilherme II, teve tantos poderes como o presidente de agora. [...] Não há a censurar os Estados Unidos por traçarem novos rumos à sua política externa. Se a força é o índice de superioridade e de civilização, explica-se perfeitamente que os seus dirigentes procurem, com toda rapidez, adestrar os habitantes para o que der e vier. [...] Aos espíritos de escol, inclinados às coisas do espírito, não agrada, sem dúvida, uma demonstração nesse sentido. Mas outros espíritos, também de escol, porém mais práticos, já se persuadiram de que se torna mister acabar, de uma vez para sempre, com o velhíssimo preconceito de que, para salvar o mundo, existem raças predestinadas.<sup>53</sup>

---

51 Para Henry Kissinger (1994, p.386), “*On June 10, 1940, as France was falling to the Nazi Invaders, Roosevelt abandoned formal neutrality and came down eloquently on the side of Great Britain*”.

52 Cf. “A duração da guerra” in *O Estado de S. Paulo*, 6 set. 1940, p.14.

53 Cf. “As reações inesperadas” in *O Estado de S. Paulo*, 22 out. 1940, p.16.

E os paralelos entre as duas contendidas não cessaram. Com a vitória de Franklin Delano Roosevelt para mais um quadriênio e com a garantia de cooperação dos norte-americanos, o articulista indagava:

No futuro a sua assistência, como prometeu o governo de Washington, assumirá proporções maiores. [...] Tais as disposições dos contendores. Os dois grupos adotaram a tática de produzir em escala ascendente e vertiginosa. [...] Como poderá ela – a Alemanha – competir com os Estados Unidos e a Inglaterra juntos? Da outra vez, o general Luddendorf ficou surpreso com os efeitos da entrada dos norte-americanos no conflito. [...] Infelizmente, um dos beligerantes, pelo seu chefe responsável, insistiu e insiste em aferir o grau de civilização pelo fabrico e acúmulo de artefatos mortíferos. A breve trecho esse beligerante verá o resultado dessa maneira de encarar as relações entre os povos e os problemas políticos e sociais de todo o Universo. Os outros países, com mais recursos naturais e com exércitos de operários especializados, hão de revelar que, nesse terreno, não se acham inferiores aos que só tiveram a vantagem, cada vez mais precária, de preparar-se com muitos anos de antecedência.<sup>54</sup>

A ajuda enviada pelos estadunidenses efetivou-se de acordo com a nova lei de neutralidade que o presidente norte-americano promulgara após várias derrotas sofridas pelo dirigente norte-americano no Congresso.<sup>55</sup> De acordo com o articulista,

O presidente Roosevelt acaba de descobrir uma fórmula que, não contrariando a intransigência inicial, atende plenamente aos desejos do Império visado pelo Terceiro Reich. Os artigos serão enviados depois do pagamento de um sinal razoável; a Grã-Bretanha

---

54 Cf. “Produção intensiva” in *O Estado de S. Paulo*, 13 nov. 1940, p.16.

55 Segundo Henry Kissinger (1994, p.385), “*The Congress did not act until after the European war had actually started. Indicating the strength of the isolationist mood, Roosevelt’s proposal had been defeated three times in the Congress earlier in the year*”.

compromete-se a devolver esses artigos assim que a guerra terminar, pegando somente aqueles que forem destruídos. [...] Foi desta forma que há vinte e quatro anos se tornou evidente a beligerância dos Estados Unidos. [...] Repetir-se-á a história em 1941? [...] Talvez que o trabalho de sapa, em que os teutos são exímios, conforme demonstraram em vários lugares, muito concorra para uma tensão irremediável entre as duas potências.<sup>56</sup>

A última assertiva revela muito do que os colaboradores esperavam para o próximo ano. No que concernia aos alemães, os textos insistiam em apresentar ao leitor uma série de atentados que ocorriam nos Estados Unidos e que consideravam não ser mera coincidência. Isso se deu especialmente após a reeleição do presidente Roosevelt e da consolidação da política de colaboração anglo-norte-americana. A lei que regulamentava esse auxílio foi sancionada em 12 de março e, no dia subsequente, o articulista assim analisava a questão:

Nos Estados Unidos foi antontem sancionada pelo presidente Roosevelt a lei de amplos poderes, para conceder auxílios à Inglaterra e a outras democracias. [...] O pensamento de um dos candidatos, já no seu posto pela terceira vez, era conhecido de sobejo; ele achava que se devia auxiliar as potências de outro hemisfério que não queriam submeter-se aos totalitários. Os seus concidadãos elegendo-o, implicitamente aprovaram a sua política externa.

A união entre as democracias que resistiam aos avanços totalitários no Ocidente, estabelecida essencialmente pelo mar, caracterizou a outra frente de combate que a guerra conhecia: a batalha do Atlântico. Como essa era a principal via de ligação entre os povos do Novo e do Velho Mundo, o objetivo alemão era impedir que os ingleses recebessem dos estadunidenses os alimentos e as armas prometidas. No dia vinte e um de março de 1941, o colaborador escreveu:

---

56 Cf. “O auxílio dos Estados Unidos” in *O Estado de S. Paulo*, 20 dez. 1940, p.16.

Devido à ajuda dos Estados Unidos, a batalha da Grã-Bretanha converteu-se na batalha do Atlântico, de muito maior envergadura que as travadas na França. [...] Enfim, a batalha do Atlântico não se revestirá dos mesmos aspectos das que serviram de filão estupendo para a propaganda do poderio incontrastável do Reich. Ela vai ser áspera, trágica, morosa, enervante. Tal como as lutas de usura, das trincheiras e fortificações e que se assimilaram no conflito anterior. [...] E, nestas condições, não atinamos com a confiança ilimitada que os teutônicos depositam nessa campanha. Os seus homens do mar são valorosos e peritos, mas o seu povo da retaguarda está habituado a triunfos e não a delongas incertas e acabrunhadoras...<sup>57</sup>

Em virtude da firme decisão de apoiar as democracias em luta contra os totalitarismos, o presidente norte-americano, apontado como ingênuo e pueril no início da publicação, afirmava-se como um grande estadista. No dia 24 de junho, dois dias após a investida alemã contra a União Soviética, o colaborador escreveu que:

A mensagem de Roosevelt, dirigida ao Congresso, é de uma firmeza maior que a do presidente Wilson. O chefe dos Estados Unidos pede aos representantes que não se intimidem com o desafio de uma potência, cujo mentor supremo ele aponta como cogitando de expandir-se para fora do velho continente. E quem lucra com o fato é a Grã-Bretanha.<sup>58</sup>

Aos que clamavam por uma declaração de guerra norte-americana aos países que compunham o campo totalitário, os responsáveis pela publicação lembravam:

Não foram poucos os que esperavam para já uma solene declaração de guerra por parte da grande República. [...] E para que uma solene “declaração de guerra”? Isso constitui, hoje, um formalismo

---

57 Cf. “Pessimismo e confiança” in *O Estado de S. Paulo*, 21 mar. 1941, p.16.

58 Cf. “A campanha marítima” in *O Estado de S. Paulo*, 24 jun. 1941, p.1.

anacrônico. Consoante, Luddendorf, a declaração de guerra era um estorvo para os exércitos alcançarem os seus objetivos.<sup>59</sup>

O crescente prestígio do presidente Roosevelt tanto no âmbito nacional quanto no internacional motivou o periódico a publicar excertos do livro que veio a lume, em 1933, intitulado *My boy Franklin*. Esse prestígio, como demonstrou Henry Kissinger, devia-se à atuação do presidente estadunidense no que se referia às batalhas políticas travadas nos campos interno e externo. De acordo com o ex-secretário de Estado Henry Kissinger (1994, p.370):

*All great leaders walk alone. Their singularity springs from their ability to discern challenges that are not yet apparent to their contemporaries. Roosevelt took an isolationist people into a war between countries whose conflicts had only a few years earlier been widely considered inconsistent with American values and irrelevant to American security. After 1940, Roosevelt convinced the Congress, which had overwhelmingly passed a series of Neutrality Acts jus a few years before, to authorize ever-increasing American assistance to Great Britain, stopping just short of outright belligerency and occasionally even crossing that line. Finally, Japan's attack on Pearl Harbor removed America's last hesitations. Roosevelt was able to persuade a society which had for two centuries treasured its invulnerability of the dire perils of an Axis victory. And he saw to it that, this time, America's involvement would mark a first step toward permanent international engagement. During the war, his leadership held the alliance together and shaped the multilateral institutions which continue to serve the international community to this day.*

A publicação dos trechos começou em 26 de outubro de 1941, sob o título *Meu filho Franklin*, ao qual os responsáveis pela publicação acrescentaram: “Relato feito por Mrs. James Roosevelt, mãe do presidente dos Estados Unidos, a Isabel Leighton e Gabrielle Forbush”.

---

59 Cf. “Declarações de guerra” in *O Estado de S. Paulo*, 13 set. 1941, p.16.



Por meio da leitura dos fatos da infância, da adolescência, do casamento do presidente, os leitores formavam dele uma imagem de homem responsável, disciplinado, mas, concomitantemente, sorridente.<sup>60</sup> Enquanto no Ocidente a colaboração anglo-norte-americana ganhava corpo, no Oriente, a situação do Japão se complicava.<sup>61</sup> Os japoneses estavam em luta com a China desde 1937 sem, no entanto, conseguir impor totalmente o seu domínio que, de qualquer forma, os norte-americanos não reconheciam como legítimo.

Para Luiz Alberto Moniz Bandeira (2006, p.115), os Estados Unidos tomaram uma série de medidas que

visaram estrangular economicamente o Japão, que, não mais podendo importar matérias-primas fundamentais para a sua indústria, sobretudo petróleo, só tinha como alternativa ou retirar as tropas da China e da Indochina ou buscar fontes de matérias-primas em outras partes, através da invasão, o que provocaria a guerra contra os Estados Unidos.

Ao explicar a situação japonesa e suas relações com o país do presidente Roosevelt, o colaborador do matutino, o conde Emmanuel de Bennigsen, que escrevia costumeiramente no jornal, asseverava:

---

60 As peculiaridades da personalidade de Roosevelt já haviam sido notadas por Emil Ludwig. No dia 6 de julho de 1938, referindo-se ao livro do escritor, o comentário assinalava: “Emil Ludwig acaba de publicar uma biografia de Franklin Delano Roosevelt, que vem suscitando vivos comentários na imprensa dos Estados Unidos. [...] Ludwig vê no bom humor de Roosevelt uma arma muito especial do Exército norte-americano e que os estadistas europeus raramente empregam” (cf. “O Roosevelt de Ludwig” in *O Estado de S. Paulo*, 6 jul. 1938, p.14”.

61 Segundo Henry Kissinger (1994, p.392), “Roosevelt took up the challenge of Japan. In response to Japan’s occupation of Indochina In July 1941, he abrogated America’s commercial treaty with Japan, forbade the sale of scrap metal to it, and encouraged the Dutch government-in-exile to stop oil exports to Japan from the Dutch East Indies (present-day Indonésia). These pressures led to negotiations with Japan, which began in October 1941. Roosevelt instructed the American negotiators to demand that Japan relinquish all of its conquests, including Manchuria, by invoking America’s previous refusal to ‘recognize’ these acts. Roosevelt must have known that there was no possibility that Japan would accept”.

A julgar pelos telegramas, as conversações nipo-americanas teriam chegado a um impasse. Exige o Japão o reconhecimento de sua influência na China, e os Estados Unidos recusam aceitá-la. É preciso observar que os norte-americanos se acham na impossibilidade de aceitar tal imposição por motivos não somente econômicos, mas ainda morais. Abandonar Chiang-Kai-Chek depois de tê-lo incitado, durante quatro anos, a continuar a luta, depois de tê-lo ajudado por todos os meios possíveis seria um ato desleal. [...] O resultado da guerra na frente russo-alemã depende atualmente, em grande parte, do auxílio que os russos possam receber da América. A maior parte desse auxílio deverá ser enviada via Vladivostok, mas isso se tornará impossível no caso do Japão atacar a Rússia.<sup>62</sup>

A guerra entre japoneses e norte-americanos não era uma surpresa para os responsáveis pela publicação.<sup>63</sup> No dia 9 de dezembro, comentando o ataque nipônico a Pearl Harbor, o articulista asseverava que desta feita o mundo todo se envolvia na contenda.<sup>64</sup> Todavia, a entrada dos japoneses no conflito estava associada a intenções obscuras que eles esclareceram em 10 de dezembro, da seguinte maneira:

Sem dúvida que o ataque do Japão aos Estados Unidos e à Inglaterra teve por objetivo encobrir ou disfarçar a paragem das operações teutônicas na frente leste. [...] É de presumir que desta feita a Alemanha, pelas suas autoridades, deve considerar “local” o conflito no

---

62 Cf. “O Japão e a guerra” in *O Estado de S. Paulo*, 1º out. 1941, p.16.

63 No trinta de julho de 1939, comentando as relações entre os dois países, dizia o colaborador: “Os Estados Unidos acabam de denunciar o Tratado de 1911 com o Japão. [...] A denúncia do Tratado pode ser encarada como uma declaração de guerra econômica ou o prelúdio de uma guerra militar”. E concluía: “Hoje, porém, não se pode enxergar além do que diz a notícia. De há muito que deixou de ser atividade inteligente prever o futuro” (cf. “Política norte-americana” in *O Estado de S. Paulo*, 30 jul. 1939, p.40).

64 Segundo Moniz Bandeira (1973, p.282), “o ataque de Pearl Harbor, em 7 de dezembro de 1941, proporcionou a Roosevelt o pretexto que ele esperava para vencer a resistência dos isolacionistas e lançar os Estados Unidos, abertamente, no conflito contra o Eixo. O Brasil não mais poderia conservar-se neutro”.

Extremo Oriente. Propalou-se mesmo que ela não declarará guerra à nação norte-americana. Lançou o Japão na contenda e aguardará, aparentemente impassível, os seus resultados. Não convirá romper com a democracia deste continente. [...] Haja o que houver, na República norte-americana operou-se uma metamorfose digna de registro. [...] Os Estados Unidos, em poucos minutos, como a Inglaterra em 10 de maio de 1940, estabeleceram uma frente coesa. [...] E os cidadãos eminentes da República não vão, de certo, persuadir-se de que o Império Nipônico é o único inimigo: por detrás dele encontra-se o inimigo maior e mais perigoso, que o arrastou à voragem.<sup>65</sup>

A partir de Pearl Harbor, os articulistas referiam-se ao conflito como mundial. Esse momento marcou, para eles, a passagem de uma guerra europeia para uma universal, quando todos os continentes estavam efetivamente envolvidos. Segundo eles, opondo-se ao ideal totalitário que, arrogantemente, anunciara o estabelecimento de uma nova ordem sob a égide da Alemanha, “o pan-americanismo, opondo-se a cobiçosos decadentes, será uma autêntica nova ordem, fecundada na liberdade e na justiça econômica”.<sup>66</sup> Havia, por parte dos responsáveis pela publicação, uma tentativa de estabelecer uma identificação entre os interesses norte-americanos com o resto da América.<sup>67</sup> Identificação que, se encontrava respaldo na reação à ofensiva nipônica, deveria, por conseguinte, unificar o multifacetado sistema político do continente.

A derrota francesa expunha a Inglaterra ao perigo de lutar sozinha contra a Alemanha, que, até o momento, só conhecera vitórias. Entre junho e julho, havia grande expectativa em relação à invasão das Ilhas Britânicas, último reduto dos ideais democráticos. Todavia,

65 Cf. “Objetivos secretos” in *O Estado de S. Paulo*, 10 dez. 1941, p.1.

66 Cf. “A união americana” in *O Estado de S. Paulo*, 16 dez. 1941, p.20.

67 Um exemplo onde isso fica evidenciado é o texto que comenta o ataque nipônico à base norte-americana no Haváí. No dia 9 de dezembro de 1941, lia-se que: “A América aceitou o desafio. Como também aceitaram os países componentes da A.B.C.D. e da América Central” (cf. “O mundo em guerra” in *O Estado de S. Paulo*, 9 dez. 1941, p.8).

a arremetida não acontecia e a ausência de luta cedia lugar às especulações dos mais variados matizes, incluindo um possível final da guerra por meio de um acordo entre as duas nações.

Derrotada a França, a Alemanha encetava mais uma “ofensiva de paz” no intuito de impor no continente a sua hegemonia. Para os colaboradores, era essa uma opção ilusória, pois uma paz nesses termos não garantiria a segurança dos demais povos, como também significaria apenas uma trégua, bem como a que foi consumada em 1919, pelo Tratado de Versalhes, ao qual todos se referiam com um certo rancor.

As imagens construídas acerca da Inglaterra demonstravam o perigo em que seus ideais se encontravam, mas também concluíam que o país não abandonaria a luta. Essa, como mostrara o colapso francês, se travava tanto no *front* interno quanto no externo. Nesse sentido, se na França a quinta coluna participou de forma ativa concorrendo para a derrota, na Inglaterra esses elementos foram extirpados. Como exemplo, pode-se elencar a repressão às atividades da quinta coluna, uma vez que os britânicos tomaram severas medidas contra aqueles que a praticavam, prendendo grandes nomes da aristocracia que propugnavam um acordo com o país do chanceler germânico.<sup>68</sup>

---

68 Em 3 de julho de 1940, o colaborador assinalava que “não faz muitos dias, falando a respeito dos rumores de paz, dissemos que, na Inglaterra, pululavam os adeptos de um acordo com a Alemanha. Assinalamos o fato, não por derrotismo, senão para prevenir os leitores. [...] Na semana passada, a polícia prendeu a esposa de Oswald Mosley, formosa dama que foi sempre figura de realce nos meios aristocráticos. Apanharam-na em flagrante, a distribuir folhetos em que concitava os ingleses a trabalharem pela paz e a combater os judeus – tal qual um nacional socialista impenitente. [...] tais atividades sub-reptícias não são de hoje nem de ontem. Elas se observaram em todos os tempos. Quando Napoleão fazia os aprestos para atacar a ilha e, Guilherme Pitt se agastava, neurótico e renitente, no tomar medidas de defesa, o grande Lord Byron dedicava odes ao general corso que pôs em polvorosa a Europa e o mundo. [...] não nos admira que Bernard Shaw esteja mordazmente satisfeito. A um confidente, declarou o notável escritor: Os britânicos serão admiráveis nas atrocidades! Pelo exposto, se depreende que se revestirá de aspectos épicos o tremendo duelo entre os dois adversários” (cf. “O grande duelo” in *O Estado de S. Paulo*, 3 jul. 1940, p.1). Note que o texto fala ainda sobre a prevenção aos leitores, atitude que não deve ser confundida com “derrotismo”.

Nos quadros, concedia-se grande destaque para a radical transformação, vivida pelos britânicos, em um período muito curto e conturbado de sua história. Antes da conflagração, aos ingleses sobravam críticas e advertências em virtude de sua política morosa e de apaziguamento. Contudo, no momento em que todas as circunstâncias indicavam o triunfo de sua rival, eis que, no entendimento dos articulistas, os britânicos recobriram a fibra e modificaram a situação em que se encontravam. Tal transformação foi um dos principais fatores que contribuíram para a primeira inflexão do conflito europeu. A grandiloquência utilizada na construção dos comentários indica o quanto os autores apostavam em mudanças.<sup>69</sup> Em 6 de julho lia-se que:

Alguns psicólogos dizem que “a cólera dos fleumáticos é mais perigosa que a dos violentos”. Afigura-se-nos que a opinião não é despropositada. Para designar a energia com que os ingleses capitulada a França, resolveram combater o seu inimigo, aquele conceito tem o seu fundamento. É deveras sensacional que a Inglaterra, depois de uma prudência e uma morosidade irritantes, se transfigurasse de uma hora para outra. [...] Não se pode deixar de admirar esta decisão magnífica de um povo que enfrenta a maior crise da sua história. Antes: Eis que isolada, sem perspectiva de auxílios, e ameaçada de uma investida sem precedentes, a nobre nação se ergue, afoita e destemerosa, enfrentando a adversidade com resolução inabalável.<sup>70</sup>

Durante esse período, os responsáveis pela publicação compararam a atitude da Inglaterra à decadência do espírito combativo

---

69 Além de elevar a resistência inglesa à comparação com o que aconteceu na França durante a conflagração anterior, os colaboradores utilizaram outro exemplo da história para comparar com a situação da Inglaterra nesse período. Ao se referir à luta naquele país, o jornalista escreveu que: “O Canal da Mancha foi uma espécie de Salamina, e os defensores do Reino Unido se guindaram à altura, dos heróis gregos de outrora, dirigidos por Temístocles...” (cf. “França e Romênia” in *O Estado de S. Paulo*, 18 dez. 1940, p.14).

70 Cf. “A decisão inglesa” in *O Estado de S. Paulo*, 6 jul. 1940, p.14.

francês. Ao realizarem esse exercício, o intuito era mostrar que os britânicos não se comportariam da maneira como seus aliados, que, na visão dos colaboradores, quase não ofereceram resistência. Um incidente entre as esquadras convulsionou ainda mais as relações entre as antigas aliadas. Após a derrota da França, a possível incorporação dos seus navios à frota alemã era tida como ameaça à sobrevivência da Inglaterra. Foi nesse contexto que Winston Churchill emitiu a ordem de atacar os navios gauleses caso eles não se rendessem. Em seu livro de memórias, Churchill (1949, v.II/01, p.285-6) assim relatou o fato:

*La posible adición de la escuadra francesa a la alemana y la italiana – con la amenaza del Japón cerniéndose, además, en el horizonte – planteaba a la Gran Bretaña mortales peligros y afectaba gravemente a la seguridad de los Estados Unidos. [...] A toda costa, arrostrando cualquier riesgo, y de una manera o otra, teníamos que procurar que la armada francesa no cayera en malas manos, que tal vez pudiesen emplearla para labrar nuestra ruina. El Gabinete inglés de Guerra no titubeó. Los ministros que, una semana antes, se habían ofrecido de todo corazón, a ayudar la Francia, llegando a proponerle estatuir con ella una nacionalidad común, ahora resolvieron tomar todas las medidas preventivas que fuesen precisas. Esta era la resolución más ominosa, anti-natural y terrible en que yo haya intervenido jamás. [...] estaba en juego la vida de nuestro estado y la salvación de nuestra causa. Era un caso de tragedia griega...*

Para os colaboradores, esse conflito era “esperado”, uma vez que o Direito Internacional desaparecera daquele continente. Ao traçar um paralelo entre os dois povos, os comentários intitularam os britânicos de “povo verdadeiramente imperial”<sup>71</sup> e ressaltaram que, se a Grã-Bretanha não vencesse a guerra, “cremos que não oferecerá o espetáculo de uma submissão fatalista e inglória”.<sup>72</sup>

71 Cf. “Mais surpresas...” in *O Estado de S. Paulo*, 11 jul. 1940, p.1.

72 Cf. “Previsões e realidades” in *O Estado de S. Paulo*, 12 jul. 1940.

Havia outro fator responsável pela reação inglesa diante da ameaça alemã no entendimento dos responsáveis pela publicação: Winston Churchill. O político britânico foi constantemente elogiado por sua firmeza de decisão e, comparado aos líderes britânicos do passado, se destacava como superior.<sup>73</sup> Em 16 de julho, estabelecendo paralelos entre ele e o chanceler alemão, dizia o articulista:

o discurso de Winston Churchill, no domingo último, é um atestado de firmeza e de esperança. Não há nessa peça um trecho supérfluo: cada período, cada frase, tem um informe e um conceito que requer em reflexão. O verbalismo caiu muito. [...] A diferença entre os dois condutores, o britânico e o germânico, está no seguinte: o primeiro faz uso da palavra para, simultaneamente, preparar os seus patrícios e desenvolver uma ação imediata; o segundo orientou os seus adeptos durante oito anos e recolheu-se à discrição logo que o plano do seu partido começou a ser executado. [...] Dirigir uma nação em paz e bonança e sem empecilhos de maior está no alcance de qualquer um, dotado de vontade e inteligência mediana; mas para dirigir um povo “debaixo de fogo”, segundo expressão de certo revolucionário, nem sempre aquelas qualidades são suficientes. Veja-se o que sucedeu a Paul Reynaud. Era um homem à altura da situação. E de repente falhou.<sup>74</sup>

No excerto evidencia-se de que maneira os articulistas construíram uma imagem de superioridade da Inglaterra: recorrendo às comparações com a situação enfrentada pela França. Assim, ao traçar um paralelo entre Winston Churchill e Adolf Hitler, o responsável pelo texto não assinado relembra que Paul Reynaud falhara em situações semelhantes e enfatiza a dificuldade de se conduzir uma nação inteira “debaixo de fogo”.

---

73 No dia 12 de julho de 1940 o colaborador assinalava, em texto não assinado, que: “Jamais o mundo viu uma Inglaterra tão tenaz e valorosa. Nem mesmo a de Guilherme Pitt se compara com a de hoje” (cf. “Previsões e realidades” in *O Estado de S. Paulo*, 12 jul. 1940, p.1).

74 Cf. “As palavras de Churchill” in *O Estado de S. Paulo*, 16 jul. 1940, p.14.

Entre agosto e outubro de 1940, a Alemanha iniciou o bombardeio de Londres e do litoral da Inglaterra no intuito de derrotar os britânicos e forçar as conversações sobre a paz.<sup>75</sup> Apesar de uma ofensiva em grande escala que envolvesse marinha, exército e aeronáutica, como ocorreu na Noruega, não tomasse corpo, os ataques aéreos alemães permaneceram oscilando de intensidade. Os ataques foram repelidos pela Real Air Force e, pela primeira vez, houve bombardeios sobre Berlim, a primeira represália sofrida pelo regime nazista.

As consequências e os objetivos da guerra aérea foram analisados em diversas situações pelos responsáveis pela publicação. À medida que as batalhas se desenvolviam, os articulistas apresentavam ao leitor as estratégias de ataque e defesa criando, na maioria das vezes, uma imagem negativa acerca daquela arma que os contemporâneos imputavam grande impacto, mas que os colaboradores insistiam em mostrar como apenas mais um meio de combate que não teria papel decisivo na contenda.

Dessa forma, os comentários traziam explicações que evidenciavam as medidas adotadas pelos ingleses para rechaçar a maioria dos reides germânicos, provando que esses poderiam ser repelidos e que a estratégia defensiva tinha possibilidades de êxito, diminuindo o impacto que a “quinta arma” ganhava na guerra europeia. Outra forma de posicionamento crítico dos colaboradores era mostrar ao leitor que o poder destruidor da aviação se voltava não contra os objetivos militares, mas contra os civis. Em 19 de setembro, afirmava-se que:

a aviação é uma arma do terror, que visa os inermes e não os pontos estratégicos defendidos por forças regulares. Imaginem os leitores: numa batalha moderna, com tantas divisões e recursos mecânicos, pereceram apenas de um lado duzentos e cinquenta homens! Não deixa de ser extraordinário.<sup>76</sup>

---

75 Em 18 de agosto, afirmando que os atacantes seguiam os mesmos critérios das ofensivas terrestres, o colaborador indagava: “Terão em mente algum Plano Schlieffen do ar?” (cf. “Guerra e fome” in *O Estado de S. Paulo*, 18 ago. 1940, p.30).

76 Cf. “Respigando...” in *O Estado de S. Paulo*, 19 ago. 1940, p.16.



Quando os alemães postergaram a invasão do território inglês indefinidamente, pareceu que os britânicos haviam conseguido uma primeira vitória. Todavia, Winston Churchill preferiu não celebrá-la nessas condições, uma vez que acreditava que a guerra atual era fortemente travada também no campo psicológico e, portanto, em vez de incitar comemorações precipitadas, ele recomendava em seus discursos “severa disciplina e vigilância”.<sup>77</sup>

A resistência inglesa e a veloz transformação de sua atuação no cenário internacional foram objeto de análise em 21 de setembro. Mais do que demonstrar que conseguiram deter Hitler e seus ambiciosos projetos, o colaborador demonstrava que era possível a uma democracia, sem prejuízos de nenhuma espécie, suportar e vencer os mais complexos e desafiadores problemas. Afirmava-se que:

Os fenômenos extraordinários se operam em período tão reduzido que para outros povos realísticos não daria para coisa alguma? Realizou-se aquilo que alguns sociólogos consideram um mito nas democracias: estabeleceu-se uma disciplina consciente, vigilante e penosa. E não foi preciso impor o silêncio e a sistematização absolutos que tanto afetam a dignidade humana. Nem tampouco, por exemplo, se absterem os infelizes relapsos, mal conduzidos ou mal intencionados. Nestes três meses, em todo o grande país, não se teve notícia de uma fraqueza entre os chefes das forças armadas ou de uma rebeldia flagrante das classes trabalhistas. *Será isto decadência?*<sup>78</sup>

A última assertiva desse texto que termina em um questionamento revela muito do embate travado entre duas concepções políticas que estavam diretamente envolvidas na construção das representações do que se passava nessa época. Após apresentar os elementos que provam que era possível a uma democracia suportar os mais difíceis desafios sem prescindir das liberdades que caracterizam o

77 Ibidem, “Respiando...” in *O Estado de S. Paulo*, 19 ago. 1940, p.16.

78 Cf. “Disciplina sob o fogo” in *O Estado de S. Paulo*, 21 set. 1940, p.16, grifo nosso.

regime liberal, o colaborador dialogava com o leitor, indagando se isso seria decadência.<sup>79</sup>

Em outubro, a ofensiva aérea contra a Inglaterra completava três meses sem atingir, todavia, os objetivos do Alto Comando Militar Alemão. Para os colaboradores, a resistência britânica significava a primeira inflexão no ritmo constante de vitórias alemãs. Alguns textos utilizavam a cultura do país do chanceler alemão para demonstrar que suas pretensões não se realizavam facilmente como se supunha. É o caso daqueles que citavam filósofos alemães, como Hegel e Nietzsche, e também os que comentavam os efeitos da música do compositor Richard Wagner sob a população germânica.<sup>80</sup>

Em 5 de outubro, o articulista escreveu que: “ainda não é desta vez que se confirmará o maravilhoso ‘Crepúsculo dos Deuses’. So-nho acalentado por Wagner e Bakhunin. [...] Pelo sim, pelo não, os britânicos esperam, sempre, a invasão das suas ilhas...”.<sup>81</sup> Apesar dos avanços tecnológicos, os articulistas insistiam nas comparações com os eventos da Primeira Guerra Mundial. Especialmente no que concernia à aviação, elevada à categoria de arma decisiva no conflito que se travava, eles tinham uma postura muito cética e crítica.

Em 10 de outubro eles escreveram que “Sempre encaramos com algum ceticismo os alarmes de calamidades sobre a ação dos

---

79 Vale lembrar que o discurso pronunciado por Getúlio Vargas em 11 de junho, quando a queda da França era já iminente, se fundamentava na ideia de que: “marchamos para um futuro diverso de quanto conhecíamos em matéria de organização econômica, social ou política, e sentimos que os *velhos sistemas e fórmulas antiquadas entram em declínio*”. Dessa forma, a pergunta que o colaborador lançou ao leitor era, em última análise, uma resposta ao discurso do presidente brasileiro. Os regimes liberais, que o periódico defendia abertamente, não estavam em declínio. Não, o inglês, pelo menos, apontado como “o último baluarte na Europa conflagrada, da liberal-democracia”.

80 Sobre o compositor, o colaborador dizia: “bem disse Emil Ludwig num dos seus últimos livros: ‘A música bulhenta de Wagner estragou com a mentalidade da geração teutônica hodierna.’ Os nacionais-socialistas, sem intentos artísticos, cultuam a memória do notável compositor” (cf. “Jutlândia e Escandinávia” in *O Estado de S. Paulo*, 12 abr. 1940, p.14).

81 Cf. “Mais ilusões perdidas...” in *O Estado de S. Paulo*, 5 out. 1940, p.14.

aeroplanos”.<sup>82</sup> Em 17, analisava-se o bombardeio alemão sob Londres sob a seguinte óptica:

Mas os reides e combates aéreos, em virtude da sua repetição, muito se assemelham às lutas de trincheiras da guerra anterior. Banalizaram-se de tal forma que os neutros e mais afastados já não os encaram com o mesmo horror. As tragédias frequentes também fatigam os que, de longe, seguem o curso macabro das refregas, travadas nos céus e no litoral da Grã-Bretanha.<sup>83</sup>

A atuação dos pilotos da Real Air Force no combate aos aviadores da *Luftwaffe* foi louvada pelos colaboradores. Na época, acreditava-se que os alemães possuíam uma superioridade gigantesca no que concernia ao número de aparelhos.<sup>84</sup> Um comentário citava a cifra de vinte mil aparelhos alemães contra apenas 1.500 britânicos.<sup>85</sup> Entretanto, a despeito dessa desproporção de forças, o articulista ensinava, em 24 de outubro, que:

O “domínio do ar” não se obtém por via de inexperientes e de “amigos de aventuras”, obtém-se por meio de lidadores hábeis, capazes, resolutos. Quer-nos parecer que está nesse escolhido e heroico corpo de aviadores a razão de magnífica resistência da Grã-

---

82 Cf. “O embate principal” in *O Estado de S. Paulo*, 10 out. 1940, p.16.

83 Cf. “Os casos de somenos” in *O Estado de S. Paulo*, 17 out. 1940, p.14.

84 Posteriormente, Basel Liddell Hart (1992, p.96), militar britânico e autor de vários livros sobre o período, mencionou que: “*The superiority of the Luftwaffe over the Royal Air Force was not so great as was generally imagined at the time. It was unable to maintain a continuous attack by wave after wave of massed bombers as the British public had feared, and the number of its fighters was not much more than that of the British*”.

85 As cifras foram reproduzidas no comentário intitulado “Mais semana, menos semana” (in *O Estado de S. Paulo*, 10 set. 1940, p.1). Vale lembrar que, para os articulistas, essas cifras eram motivo de contestação. Os números expostos foram divulgados por um jornal totalitário. Assim, os responsáveis pelos textos reconheciam que havia uma superioridade alemã, mas afirmavam que os ingleses poderiam reverter essa situação. Mais tarde, atribuíram-se aos alemães 72 mil aviões.

Bretanha. O poder da aviação estaria na qualidade dos pilotos e não na quantidade de aviões.<sup>86</sup>

No trecho citado, nota-se de que maneira as análises da situação contribuíam para as imagens da guerra. Nesse contexto, segundo os colaboradores, apesar da maior quantidade de aviões, a Alemanha não conseguia impor seu jugo em razão da qualidade dos pilotos da Royal Air Force. Assim, os acontecimentos eram o ponto principal para a representação dos países em luta e suas consequências levavam à construção de uma imagem da contenda, muitas vezes comparada com a anterior.<sup>87</sup> Enquanto reinava a indecisão na luta entre a Alemanha e a Inglaterra e a invasão das ilhas fora adiada, os textos que voltaram a atenção para a União Soviética reafirmavam o juízo de que ela era uma das incógnitas da presente guerra.

No intuito de demonstrar a sua força aos outros beligerantes e de conquistar relevantes posições nos Bálcãs, a outra potência denominada de incógnita pelos responsáveis pela publicação, a Itália, em 28 de outubro, data do aniversário de instauração do regime fascista, invadiu a Grécia.

Entre outubro de 1940 e junho de 1941, todas as atenções voltaram-se para a frente balcânica, onde se desenvolviam as mais emblemáticas batalhas.<sup>88</sup> Para os italianos, o conflito com a Grécia era a oportunidade de mostrar ao mundo que não só a Alemanha possuía um forte exército e era uma grande potência. Todavia, os gregos, bem como os finlandeses, aceitaram a luta e ofereceram grande resistência à invasão, colocando em risco o prestígio que os italianos

86 Cf. “O domínio do ar” in *O Estado de S. Paulo*, 24 out. 1940, p.16.

87 É preciso dizer que havia a esse respeito uma indecisão dos colaboradores. Muitos textos apresentavam argumentos que tentavam provar que não havia muitas diferenças entre os dois conflitos, enquanto outros tantos comentários elencaram as principais distinções entre eles.

88 Essa região, em razão da história da Primeira Guerra Mundial, era tida como o “barril de pólvora” da Europa. Nos comentários, contudo, os articulistas mostraram que, inversamente ao que ocorrera na conflagração anterior, quando a Europa fora balcanizada, os Bálcãs é que foram europeizados, sofrendo as pressões e as consequências das tentativas de conquista germano-russo-italianas.

lutavam para obter. A Alemanha permanecia imóvel enquanto via sua aliada se bater violentamente nos Bálcãs. Para os colaboradores essa atitude era incompreensível, uma vez que a ofensiva italiana já demorava demais para surtir os efeitos esperados. Assim, a vinte e sete de novembro, o colaborador, lembrava que:

se os teutônicos não atravessarem já a Bulgária ou a Iugoslávia a fim de atacar a Grécia, o prestígio político e militar do eixo ficará bastante abalado nos Bálcãs. Para as democracias, o caso não teria tanta importância, mas para os regimes que não falham nunca ele se reveste de aspectos bem delicados.<sup>89</sup>

Em 6 de abril, os alemães iniciaram a investida contra a Iugoslávia e a Grécia. A dez, explicando a tática utilizada pelos exércitos invasores, o articulista asseverava:

Os invasores dos Bálcãs já fizeram duas “cunhas”: uma na Trácia Oriental, a fim de afastar a Grécia da Turquia; e a outra no vale de Vardar, destinada a separar os helênicos dos seus vizinhos do norte e tentar uma junção com os italianos, que se acham no litoral da Albânia. Para os críticos militares, semelhantes feitos alcançados pelos alemães devem representar já a derrota dos seus inimigos na península. [...] Os simpatizantes das democracias devem concluir pelo pior. [...] Destarte haverá o “novo Dunquerque”, não para os italianos, como alguns previam, senão para os sérvios e croatas.<sup>90</sup>

Em 11 de abril, o colaborador escreveu que:

Nos Bálcãs continuam os êxitos militares dos alemães. [...] Não há monte e vales, não há linhas fortificadas, que não transponham. [...] A “guerra relâmpago” é de tal forma que, no momento de saí-

89 Cf. “Conferências, pactos e adesões” in *O Estado de S. Paulo*, 27 nov. 1940, p.16.

90 Cf. “‘Cunhas’ e ‘tenazes’” in *O Estado de S. Paulo*, 10 abr. 1941, p.16.

rem estas regras, é bem possível que os invasores já tenham logrado alcançar os seus objetivos principais.<sup>91</sup>

Apesar do cenário cada vez mais desfavorável para os aliados, os colaboradores insistiam na vitória final daqueles lembrando a história da conflagração anterior. Em 23 de abril, o articulista afirmava:

parece que a depressão se alastra no velho continente, repercutindo mesmo neste hemisfério. Nesse ponto, a nossa insensibilidade se mantém. Fomos da geração que, por desventura, seguiu os inúmeros e enervantes episódios do conflito, que alguns se obstinam em apresentar como diferente do atual. De agosto de 1914 a 11 de novembro de 1918, os aliados somente tiveram derrotas. Quase todas as manhãs, despertava-se com a sensação de que o mundo ia desmoronar. [...] Guilherme II era proclamado “gênio” pelos seus áulicos, como o “Führer” o é pelos seus correligionários. E de súbito, tudo foi por água abaixo... Pode ser que, em 1941 ou 1942, os acontecimentos se desenrolem de forma diferente. Mas confiamos nas forças novas do Universo, afastadas de um continente cheio de raças e classes, que há um século e meio se extenuam em querelas sangrentas e mesquinhas. A Europa do Centro e do Ocidente tão cedo não se engrerá. Nós vimos como ela ficou em 1919.<sup>92</sup>

O avanço alemão para a península balcânica tinha outra consequência de grande relevância: uma possível ameaça à União Soviética. Os russos se mantinham equidistantes do conflito, enquanto os ingleses arcavam com as derrotas sofridas na região. No comentário publicado em 7 de maio, o colaborador afirmava que os militares germânicos eram seguidores de Napoleão, e Londres e Berlim representavam Atenas e Esparta. E continuava: “Londres ou o Império Britânico goza desta vantagem: na retaguarda conta com as

91 Cf. “Nos bastidores da guerra...” in *O Estado de S. Paulo*, 11 abr. 1941, p.14.

92 Cf. “Egito e Oriente Próximo” in *O Estado de S. Paulo*, 23 abr. 1941, p.16.

democracias jovens e ricas que não se dispõem a aceitar tutelas de uma potência que, após 1919, foi exatamente auxiliada por elas...”<sup>93</sup>

Enquanto nos Bálcãs os ingleses fugiam para a ilha de Creta<sup>94</sup> juntamente com os representantes do governo grego, na Europa um acontecimento turvou ainda mais a situação: o voo de Rudolf Hess, líder do Partido Nacional-Socialista, para a Inglaterra. O fato foi analisado pelos colaboradores que contaram assim aos leitores o que acontecera:

Rudolf Hess, o terceiro Führer da Alemanha, desceu anteontem em paraquedas na Escócia, sendo hoje prisioneiro da Inglaterra. Fuga ou loucura? Os britânicos admitem a primeira hipótese, os alemães a segunda. E os neutros desconfiados, que não esquecem dos hábeis trabalhos de sapa, aventam uma terceira, a de uma armadilha. [...] Neste incidente, o que se evidencia é a fragilidade de “organismos” tidos como os mais sólidos e robustos da Europa. [...] Luddendorf, o apologista da guerra total, o intransigente, o terrível, aconselhou o ex-kaiser a abdicar. E ele mesmo retirou-se para a Suécia, confiando o encargo de suportar as vicissitudes da derrota ao velho marechal Hindenburg. [...] não comparamos a retirada de Luddendorf à fuga ou loucura de Rudolf Hess. [...] Mas os sistemas totalitários estão sujeitos a essas mesmas “surpresas” desagradáveis, e com esta agravante: o seu arcabouço, em face delas, ruirá mais depressa do que se imagina. O Partido Nacional-Socialista, periodicamente expurgado como o Comunista da Rússia, era apontado como a espinha dorsal da Alemanha do presente. Se o seu mentor e inspirador, Rudolf Hess, se viu na contingência de abandoná-lo é porque existe “qualquer coisa de estragado em seu seio.” [...] Faça o que quiser – Hitler –, não nos parece que possa encobrir uma situação difícil do seu Império, não no que se refere aos problemas militares, senão no que se prende às deficiências de víveres e outros produtos indispensáveis aos seus habitantes.<sup>95</sup>

93 Cf. “Cálculos e prognósticos” in *O Estado de S. Paulo*, 7 maio 1941, p.16.

94 Ver mapa nos Anexos.

95 Cf. “O fato do momento” in *O Estado de S. Paulo*, 14 maio 1941, p.16.

Em meio às vitórias germânicas, o voo de um dos Führers para a Inglaterra foi interpretado pelos colaboradores como um sinal de que havia algo de errado com o “Império do Centro”, denominação que os responsáveis pela publicação designavam a Alemanha. Dessa forma, os articulistas usaram desse argumento para sustentar a ideia de que, apesar das vitórias, a Alemanha não estava em tão boas condições como fazia crer a sua propaganda.<sup>96</sup> Em 15 de maio, o colaborador interpretava de que maneira a defecção de Rudolf Hess contribuía justamente para desmistificar essa arma manuseada por Joseph Goebbels e seus discípulos:

O sr. Goebbels não deve estar satisfeito. Ele, o herói da propaganda, não poderia imaginar que um dos seus correligionários destruísse, em seis horas de voo, quase toda a sua obra. Sempre lhe rendemos homenagem, mas sem exageros. [...] Não, o ilustre sr. Goebbels vive horas amargas e tristes. O seu terceiro superior hierárquico, Rudolf Hess, deixou-o numa situação que, por dilatados anos, jamais se esquecerá. Porque forneceu à Inglaterra, a inimiga da Alemanha atual, os elementos para a maior, a mais extraordinária das propagandas. E sejamos francos. Na Grã-Bretanha, ainda não se tinham organizado serviços eficazes dessa natureza. [...] O chefe do nacional-socialismo preso num hospital, mesmo que não faça revelações, representa uma garantia. [...] Os povos do velho continente encontravam-se nas condições psicológicas de há cento e trinta anos, durante as guerras napoleônicas.<sup>97</sup>

---

96 Sobre esse assunto os colaboradores publicaram, no dia 23 de março de 1941, um comentário sobre a ajuda norte-americana à Inglaterra no qual instruíam os leitores a interpretarem corretamente as notícias vindas do exterior. Nesse texto se lia que: “Para raciocinar, os leitores precisam pôr de banda os adjetivos e participios bombásticos dos comunicados; levem em conta apenas os sujeitos e os verbos. [...] A Alemanha está preocupada em mostrar, ao seu povo, que os ‘auxílios’ da América ‘virão tarde demais’ ou que ‘não serão eficazes’. Portanto, compreendem-se os exageros da sua propaganda, que adotou nova tática” (cf. “A nova tática da propaganda” in *O Estado de S. Paulo*, 23 mar. 1941, p.40).

97 Cf. “A maior propaganda” in *O Estado de S. Paulo*, 15 maio 1941, p.16.



A batalha travada na ilha de Creta tinha uma grande relevância estratégica para os combatentes. Nessa campanha, os alemães encetaram uma ofensiva contra uma formação semelhante a das ilhas britânicas, o que revestia o ataque à ilha mediterrânica de uma experiência paradigmática.<sup>98</sup> Em 20 de maio teve início a invasão. Os colaboradores insistiam nas comparações da situação atual com a história antiga:

É indubitável que, nesses últimos dias, os germânicos lograram vantagens de polpa, assim no ar como nos mares. [...] Para obterem a supremacia, os romanos antigos, que de fato eram fortes e jovens, conheceram inúmeras derrotas na segunda guerra Púnica. Por duas vezes a Cidade Sagrada, que tanto iria contribuir para a civilização, foi ameaçada bem de perto pelas hostes de Aníbal, o “grande bárbaro.” [...] Na refrega atual, que no momento empolga a humanidade inteira, os britânicos estão a imitar melhor os latinos.<sup>99</sup>

Para eles, os esforços alemães, como construir uma grande aviação, não significavam superioridade sobre os britânicos. Em 29 de maio, lia-se que:

Pode – a Alemanha – multiplicar os seus aeroplanos, que, em qualquer hipótese, terão uma ação restrita ao continente. Eles devem destruir edifícios, afundar barcos desprotegidos e ceifar vidas inocentes. Nunca, porém, alcançarão impor uma “ordem” ou uma “diretriz” ao mundo inteiro. E nem sequer ao continente. O Império Britânico, sem grandes exércitos, resistiu e resiste às arremetidas.<sup>100</sup>

É interessante notar que concomitantemente a esses comentários que enfatizavam o heroísmo e o poder de resistência britânico havia

---

98 Antony Beevor (2008a), em seu livro *Creta*, narra detalhadamente os embates que se travaram nessa ilha do mediterrâneo, essencial para a Inglaterra.

99 Cf. “Um juízo desairoso” in *O Estado de S. Paulo*, 28 maio 1941, p.16.

100 Cf. “As duas batalhas” in *O Estado de S. Paulo*, 29 maio 1941, p.14.

no periódico a publicação de uma série de textos intitulada de “Teu filho não voltará mais!”. Essa série, escrita pelo major e depois tenente-coronel Affonso de Carvalho, diretor da Revista *Nação Armada*, *Revista Civil-Militar consagrada à Segurança Nacional*, traçava um panorama da situação europeia durante o conflito que se estendia a quase todo o continente. Nela, o autor elogiava as conquistas alemãs enquanto depreciava os erros franceses e a resistência inglesa.<sup>101</sup>

É sintomático que essas duas publicações estabelecessem uma tensão entre os comentários e os artigos escritos pelo diretor da revista citada, uma vez que os textos eram publicados no mesmo dia, um na última e outro na primeira página, respectivamente. Descreveram-se as consequências da vitória alemã em Creta em 31 de maio. Para o colaborador, elas “serão deploráveis para os aliados. Os seus inimigos ficarão com uma base magnífica para os seus futuros reides aéreos contra o Egito e o canal de Suez”.<sup>102</sup>

Nesse momento, a guerra chegara ao Oriente Médio, com a invasão inglesa no Iraque e na Síria e na África, com a atuação do general Wawell na conquista das colônias italianas. A Alemanha não conseguira dobrar os britânicos numa guerra de nervos, tampouco quebrando o espírito de resistência da população londrina com uma intermitente guerra aérea.

Dessa forma, era necessário encontrar outros caminhos que fizessem que Londres se rendesse. O ataque alemão na península

101 Uma das ironias de Affonso de Carvalho contra os ingleses, por exemplo, foi publicada no dia 17 de abril de 1941. No artigo publicado pelo matutino ele afirmava: “E o leão de Goering. É mais um leãozinho que um leão. O marechal da Aeronáutica é frequentemente apresentado com objetos os mais extravagantes. Um dia recebeu um casal de autênticos leões. [...] Curiosa, muito curiosa a decadência hodierna dos leões. Nos cinemas é conhecido um leão que aparece como símbolo de uma empresa de filmes. Mostra uma cara zangada, dá uns roncões...e nada mais. [...] Os povos fortes sempre tiveram a sina de enfrentar leões. De Cartago para cá, os leões foram perdendo aquela ferocidade que fazia tremer as florestas. Hoje, as crianças brincam com os leões. E, a continuar essa decadência, ainda poderemos ver o leão roncando apenas, como nos filmes, e apenas ameaçando” (cf. “Teu filho não voltará mais! (VIII)” in *O Estado de S. Paulo*, 17 abr. 1941, p.1).

102 Cf. “Vitória alemã em Creta” in *O Estado de S. Paulo*, 31 maio 1941, p.14.

balcânica foi o primeiro passo. O segundo e mais violento se deu no leste, na direção em que, segundo um colaborador, o rei Carlos XII, da Suécia, apontava, sinalizando de onde vinha o perigo.

## A invasão da União Soviética

*A cruzada contra o comunismo não requer o sacrifício de países menores e distantes, de regimes insuspeitos, e nem o de potências liberais e capitalistas, como os Estados Unidos e a Grã-Bretanha. Verdade seja que estas deliberaram prestar auxílio ao império eslavo. Pois que esse auxílio fosse contrariado nos sítios onde ele se positivasse mais ostensivamente. À Alemanha, à França de Darlan e Laval competia inutilizar os reides cada vez mais mortíferos dos aeroplanos ingleses. E competia destruir o material que porventura o seu inimigo comum, a União Soviética, recebesse da América do Norte. Assim, justificava-se plenamente a cruzada contra o comunismo. E o resto do Universo, agradecido e contrito, não hesitaria em erguer loas aos modernos e épicos lidadores.*<sup>103</sup>

*Não cremos na aliança de dois regimes que se assemelham apenas nos métodos de repressão e não nos fins que colimam.*<sup>104</sup>

A postura anticomunista do *O Estado de S. Paulo* já levava os responsáveis pelo periódico a apoiar o então presidente Getúlio Vargas a reprimir as agitações que ficaram conhecidas pejorativamente como *Intentona* e contribuíram para a fundação do Estado Novo, uma vez que esse utilizou o terror pelo comunismo para legitimar o golpe. Além disso, a ideia de que o Brasil deveria cerrar fileiras com

103 Cf. “As contradições da paz” in *O Estado de S. Paulo*, 15 ago. 1941, p.16.

104 Cf. “As relações teuto-russas” in *O Estado de S. Paulo*, 25 jan. 1941, p.2.

os norte-americanos na luta que se avizinhava simbolizava a convergência de interesses que, desde a fundação da República, unia o *matutino* à corroboração do pan-americanismo e, posteriormente, da política da boa vizinhança. A força da tradição ganha destaque aqui por conta da intervenção sofrida pelo periódico e que, supostamente, teria de modificar não só a estrutura, mas também e especialmente os ideais pelos quais o jornal propugnava. A seguir, demonstra-se como a permanência desses preconceitos e posturas tradicionais se coadunava com o contexto interno e externo.

Desde o início da guerra, a Alemanha e a União Soviética foram apresentadas como potências que agiam conjuntamente no cenário internacional. Assim, o pacto assinado por Ribbentrop e Molotov em 23 de agosto de 1939 foi interpretado como expressão da ausência de qualquer princípio ideológico no que se referia ao campo das relações internacionais. Para o articulista, tratava-se de insistir que os dois países agiam em causa própria independentemente das ideologias que professavam.<sup>105</sup> Todavia, no que concernia à aliança entre os totalitarismos,<sup>106</sup> os colaboradores mostravam-se céticos. Em diversas oportunidades os responsáveis pela publicação levantaram dúvidas acerca da colaboração entre os dois países e argumentavam

---

105 No dia 25 de junho de 1941, o texto não assinado assim se referia ao assunto: “Queria dizer – Hitler – que não passavam de lérias a democracia e o fascismo e o comunismo. Realmente, assim era e é: e estava nisso a explicação para as híbridas alianças assinadas e revogadas na Europa, nestes vinte meses de guerra. Para apreciar os fatos de leste, fazemos nossa a frase do chanceler teutônico, com pequenas modificações: ‘Há sonho e necessidade e nada mais’. O sonho é a obcecação das conquistas, que não se realizam sem o trigo e o petróleo. Antigamente, os dirigentes escolhidos entre os melhores cidadãos conheciam a difícil arte de disfarçar os seus intentos. Hoje esses dirigentes, em particular os do Reich, são de uma puerilidade confrangedora. Em cada palavra, em cada gesto, deixam transparecer tudo que as suas mentes engendram” (cf. “Ideologias e mistérios” in *O Estado de S. Paulo*, 25 jun. 1941, p.16).

106 Há uma grande discussão na historiografia quanto a denominar o regime soviético de totalitário. Antes do XX Congresso do Partido, no qual Krushev denunciou os excessos stalinistas, essa afirmação seria impossível. Todavia, o historiador alemão Ernst Nolte (1994, p.106-7) lembra que “*el término totalitarismo ya era de uso común como concepto equivalente a bolchevismo*”.

que, muito possivelmente, em breve, os interesses que os moviam se chocariam.<sup>107</sup>

Depois da conquista da Finlândia, a Rússia voltara à sua atitude enigmática de antes do conflito, enquanto a Alemanha aumentava os seus domínios conquistando a Noruega, a Dinamarca, a Bélgica, a Holanda, Luxemburgo e a França. Todavia, após o colapso francês, os exércitos germânicos não atacaram com todo o seu poderio a última democracia do continente, a Inglaterra. Em vez de uma operação conjunta das três armas, iniciaram uma série de bombardeios aéreos na intenção de quebrar o poder de resistência britânico e forçá-lo a pedir a paz.

Na visão dos colaboradores, como isso não aconteceu, a guerra foi estendida a outros cenários. Entre eles destacavam-se o Oriente Médio, onde os alemães tentavam destruir o controle que os ingleses detinham em países como o Iraque, por exemplo, e os Bálcãs, onde objetivavam ameaçar as rotas de abastecimento que passavam pelo Mediterrâneo. A política de cerco estabelecida pela Alemanha não surtiu o resultado esperado. Assim, Hitler iniciou a invasão das terras que desde o *Mein Kampf* ele descrevera como o espaço vital do qual seu povo necessitava.

Como evidencia o excerto que abre este capítulo, os colaboradores não acreditavam na união entre as duas potências. Enquanto o país do chanceler Hitler representava o totalitarismo de direita que os articulistas criticavam diuturnamente, o regime inaugurado por Lenin significava uma ameaça à própria continuidade da civilização ocidental. O choque entre esses dois regimes não constituiu uma sur-

---

107 Sobre o histórico de colaboração entre esses dois povos, V. K, um dos autores que mais contribuíram para o entendimento das questões relativas ao Oriente, assinalou que: “Quando, há vinte anos, procurava provocar na Alemanha uma revolução socialista e, depois, apoderar-se de Varsóvia para dilacerar à ponta de baioneta o Tratado de Versalhes, Lênin obedecia a um plano muito claro e, ao mesmo tempo, perfeitamente racional: a Rússia, grande país agrícola, não podia realizar uma profunda transformação social senão colaborando com a Alemanha, isto é, com o país mais altamente industrializado da Europa e no qual a classe operária e os técnicos constituíam a maioria da população ativa” (cf. “Os limites da colaboração germano-russa” in *O Estado de S. Paulo*, 17 mar. 1940, p.32).

presa para os jornalistas que escreviam os comentários. A conquista do leste era para os alemães a única solução para dois problemas fundamentais que a guerra trouxera: a fome e o abastecimento das máquinas movidas a petróleo.

As terras férteis da Ucrânia e o combustível do Cáucaso eram, assim, um objetivo militar mais do que significativo no que concernia à invasão iniciada em 21 de junho de 1941. A previsibilidade da guerra entre os dois regimes apareceu em 25 de junho da seguinte maneira:

Quem nos dá a honra de nos ler de certo se lembra do que escrevemos e repetimos sobre os inúmeros episódios, trágicos ou pícaros, que se desenrolaram dessa data em diante. Sempre fomos de parecer que chegaria o dia em que os elogios trocados entre os chefes totalitários, da direita e da esquerda, se converteriam em impropérios. E as proclamações já divulgadas, que cederam os embates a leste, confirmam a nossa fácil previsão. [...] Estamos à espera apenas de que venha a capítulo a chapa do Ministério da Propaganda do sr. Goebbels, mais ou menos neste tom: “Marchamos contra o comunismo, nocivo e sanguinário”. Nas horas embaladoras em que sonhou fundar o Império do Oriente, Napoleão proferiu a seguinte frase: “a Europa é uma toca de toupeiras”. O grande curso foi injusto: no seu tempo viviam gênios, como Goethe, Beethoven, Bertholet. Mas os dominadores do Reich, que agora se voltam para o Oriente, parecem julgar que não a Europa, senão o mundo, não passa de uma “cova de toupeiras”.<sup>108</sup>

No mesmo dia, o articulista apresenta ao leitor quais eram os objetivos da Alemanha na luta contra os russos:

Por ora, ainda não se deve opinar sobre operações militares na frente leste. [...] A invasão entrou hoje no seu quarto dia e apenas territórios recentemente soviéticos, como Polônia e Estados Bálticos, foram alcançados. O objetivo, como não se ignora, é a Ucrânia.

108 Cf. “A invasão da Rússia” in *O Estado de S. Paulo*, 25 jun. 1941, p.1.

[...] Se respigamos o que veio a público é porque a propaganda não perde o mau vezo de se adiantar. Ela é uma vanguarda nociva aos próprios lidadores que pretende servir. Fala na maravilha da rapidez, com um entono enervante. Como essa maravilha produz efeitos nos países adrede preparados para a derrota, entende de explorá-la com insistência. Exploração prematura, que não merece elogios dos neutros. [...] Queria dizer – Hitler – que não passavam de lérias a democracia e o fascismo e o comunismo. Realmente, assim era e é: e estava nisso a explicação para as híbridas alianças assinadas e revogadas na Europa, nestes vinte meses de guerra. Para apreciar os fatos de leste, fazemos nossa a frase do chanceler teutônico, com pequenas modificações: “Há sonho e necessidade e nada mais”. O sonho é a obcecação das conquistas, que não se realizam sem o trigo e o petróleo. Antigamente, os dirigentes escolhidos entre os melhores cidadãos conheciam a difícil arte de disfarçar os seus intentos. Hoje esses dirigentes, em particular os do Reich, são de uma puerilidade confrangedora. Em cada palavra, em cada gesto, deixam transparecer tudo que as suas mentes engendram.<sup>109</sup>

O avanço alemão deu-se de forma avassaladora. Nos primeiros dias e meses de guerra, os germânicos avançaram vários quilômetros dentro do território governado por Stalin. Vale ressaltar que o dirigente soviético foi avisado da invasão várias vezes e por distintas fontes – uma delas o próprio Winston Churchill – e nada fez para conter os avanços iniciais. A guerra germano-russa propiciava aos colaboradores relembrar mais um episódio histórico que marcou a história daquela nação: a invasão de Napoleão em 1812. No dia 26 de junho, em meio às impressões e às confusas notícias que chegavam da frente de combate, o articulista recordava:

Mas ao menos os russos provam que não desprezaram as lições recentes e antigas. As recentes provocaram os colapsos de várias nações ocidentais; e as antigas, a derrota completa de Bonaparte até

---

109 Cf. “Ideologias e mistérios” in *O Estado de S. Paulo*, 25 jun. 1941, p.16.

ali invencível. É de presumir que as últimas lições sejam mais em mente dos comandados por Stalin. Não faz dois meses, de Moscou informaram que os oficiais soviéticos foram aconselhados a reler as histórias das campanhas napoleônicas de 1812...<sup>110</sup>

A história, como vimos, foi mobilizada pelos responsáveis, que traçavam paralelos entre a situação da Europa daquele tempo com os mais remotos povos e civilizações. Nesse caso, o que estava em foco eram as similaridades entre as invasões que ocorreram na Rússia em 1812 e em 1941. Ao refletir sobre o assunto, o articulista concluía que:

*Sem dúvida que a história se repete, como pregam os apologistas das frases feitas. Mas não é de crer que se repita tão escandalosamente. [...]* Por amor à imparcialidade, pois jamais esta folha admitiu o comunismo, credo incompatível com a nossa democracia e a nossa civilização cristã, consideramos também a capacidade do novo beligerante para as ações na retaguarda.<sup>111</sup>

Outro elemento decisivo na visão dos responsáveis pela publicação e que na conflagração anterior praticamente decidira o conflito era a questão da retaguarda. Dessa forma, como a Alemanha possuía um dos maiores partidos comunistas da Europa, a luta contra a capital do comunismo era também, para os articulistas, um embate contra os agentes da Internacional.<sup>112</sup> Além disso, os alemães possuíam uma

110 Cf. “Os remoques de Bernard Shaw” in *O Estado de S. Paulo*, 26 jun. 1941, p.16.

111 Cf. “Ações na retaguarda” in *O Estado de S. Paulo*, 28 jun. 1941, p.14, grifo nosso.

112 Os colaboradores insistiram na tese de que, na Alemanha, a retaguarda tinha um peso diferente do que nos outros países. Ao explicarem as condições da defecção germânica durante a Primeira Guerra Mundial, os articulistas mostravam ao leitor qual o papel que a Rússia desempenhou nesse processo. No dia 16 de abril de 1941, o responsável pelo texto não assinado asseverava que: “Lênin não esqueceu o que prometera. Logo que pôde, inundou o Primeiro Reich de livros e panfletos, concitando os operários a pegar em armas contra os poderes constituídos. E, no dia 9 de novembro de 1918, desmoronava a poderosa máquina bélica de Guilherme II. Foi de tal sorte o efeito dos livros e panfletos que o marechal Luddendorf, em suas memórias – nunca será demais



extensa frente interna, uma vez que as suas conquistas territoriais também eram alvo de sabotagens e, posteriormente, de movimentos de resistência cada vez mais ativos e armados.

O comentário intitulado “Máquinas e homens” analisou a situação sob a impressão do choque cruento que ocorria a leste. O articulista dizia que:

Nas últimas vinte e quatro horas, não se travou uma batalha convincente na frente Oriental, que agora empolga tanta gente. [...] teremos que esperar a ação do tempo, “o milagroso alquimista”, como opinaria nosso Machado de Assis. E a expressão vem muito a propósito: está em jogo a “alquimia dos algarismos”. Anteontem, foi divulgado o comunicado do alto comando teutônico, que despertou, em todas as esferas, não interesse, mas assombro. A primeira leitura dá vontade de exclamar, como certa personagem de Eça de Queiroz: “Irra, que é demais!...” Machado de Assis, Eça de Queiroz... Relevemo-nos a citação dos escritores, que nos deliciaram na adolescência. Em meio de tantas destruições, não faz mal nenhum um pouco de amena literatura. É um derivativo, como outro qualquer. [...] Se isso é metafísica, não nos cabe culpa alguma, e sim aos mentores da Europa, que professam filosofias perigosas. [...] Pelos documentos em questão, verifica-se que as máquinas, as de terra e do espaço, figuram em plana superior. Tanques, carros blindados e aviões foram arrasados em número respeitável... [...] Os desvalidos e as cidades foram os mais sacrificados. E, sem subestimar o valor dos antagonistas vitoriosos e vencidos, concluímos que a guerra moderna deixava incólumes as forças, adestradas para as lutas. [...] É de presumir que muito mais de cinco milhões de soldados se estendam em linha de batalha, desde o Oceano Atlântico até o Mar Negro (na frente leste). [...] O que nos continua a admirar é que em empresas tão

---

repetir! – confessou entre irônico e amargo: ‘Não foram os aliados que ganharam a guerra; foram os comunistas russos, que ajudamos a tomar conta do poder...’” (cf. “A luta no escuro” in *O Estado de S. Paulo*, 16 abr. 1941, p.16).

“aniquilantes” as massas de lidadores, atacando ou defendendo-se, consigam escapar aos tiros, aos explosivos, às granadas...<sup>113</sup>

Essa era outra característica da guerra que deu margem a vários comentários: as diminutas baixas nos exércitos envolvidos na contenda. Em virtude da experiência do conflito precedente, no qual milhares de soldados perderam a vida, os responsáveis pela publicação não compreendiam como os números mais elevados se referiam às máquinas destruídas e não aos mortos em combate. Por isso eles concluíam que a guerra atual eliminava os fracos e poupava os homens treinados para a luta, ou, muitas vezes, desqualificavam os números apresentados pelos comunicados alemães ou soviéticos.<sup>114</sup>

A tendência às comparações da situação coeva com as que passaram à história, às vezes, transformava o texto numa série encadeada de metáforas que exigiam do leitor atenção e conhecimento histórico. Assim sendo, pode-se imaginar que o leitor que recortava ou simplesmente lia o periódico detinha o conhecimento necessário para acompanhar o raciocínio do colaborador ou ainda que esse escrevia para pessoas que acreditava serem “medianamente cultas”. Em 5 de julho, por exemplo, os acontecimentos foram assim relacionados:

Em alguns círculos, muito a puridade, se escarnece dos críticos, que estabeleceram, e ainda estabelecem, comparações entre as duas guerras, as de 1914 e 1939. Verdade é que nesses círculos predominam os totalitários. Por que essa atitude? Porque dizem, os fatos de hoje se desenrolam de modo diferente. Os tanques e os aeroplanos provocaram uma revolução na tática e na estratégia. A máquina e a rapidez deram um cunho original e desastroso às lidas entre os povos e classes. O que na última conflagração era a última palavra não passa agora de autêntica velharia. [...] As fortalezas e os cam-

113 Cf. “Máquinas e homens” in *O Estado de S. Paulo*, 2 jul. 1941, p.14.

114 Vale destacar que essa postura guardava relação com a assumida durante a Primeira Guerra Mundial, quando Julio de Mesquita elogiava a sinceridade e objetividade britânicas contra os intentos da propaganda germânica.

pos entrincheirados quase não resistiam às investidas. [...] O valor individual dos combatentes era relativo, e somente as massas, compactas e disciplinadas, venciam e arrasavam os escolhos oferecidos por antagonistas mal avisados. Tais argumentos não convenciam e não convencem. [...] Sabemos que estamos a repisar. Que querem, porém? Para refutar os convencidos e seus amigos temos de empregar os seus próprios métodos. Mas a verdade é que os totalitários, ultramodernistas, reincidem nas comparações. Pior ainda: reincidem nas imitações. [...] Tenhamos presente o ataque à Rússia, iniciado em 22 de junho. Nele, os germânicos procuram seguir a mesma estratégia que deu cabo da França em dez ou quarenta dias. [...] Não é necessário ser mestre na arte ou ciência de um von Moltke para verificar que os teutos procuram executar, com ou sem perícia, o famoso “Plano Schlieffen”, que produziu efeito no Ocidente. [...] Moscou é a Paris da frente leste. O Berezina é como se fosse outro Marne, propício aos gauleses há vinte e cinco anos, e fatal em junho de 1940...<sup>115</sup>

A guerra entre Rússia e Alemanha rearranjara também as relações entre os povos envolvidos direta ou indiretamente no conflito.<sup>116</sup> O Brasil, ainda mantendo estrita neutralidade, manifestou-se ao estalar a guerra germano-soviética. Como apontava Marina Mesquita, “o governo, quando a Rússia entrou na guerra, publicou uma nota dizendo que na contenda russo-alemã o governo do Brasil não era neutro, mas contra a Rússia. Todo mundo no Rio passou a beber vodca

115 Cf. “As linhas ‘Weygand’ e ‘Stalin’” in *O Estado de S. Paulo*, 5 jul. 1941, p.14.

116 De acordo com Ernst Nolte (1994, p.189), após a invasão da URSS, “*se encontrava Hitler, y con él muy pronto todo el fascismo, en guerra contra dos grandes enemigos el bolchevismo y la democracia, es decir, el sistema liberal de partidos, sin la posibilidad de aprovecharse de las simpatías de una de las partes y hacer la guerra en paz. Las contradicciones debían resolverse ahora en el nivel último y más decisivo, en el cual, a la larga, no podían darse ventajas político-organizativas ni técnico-militares, pues ambos bandos luchaban con el mismo esfuerzo totalitário. [...] Si el fascismo, como habría de resultar, se firmó con esta acción su propia sentencia de muerte, actuó, no obstante, de acuerdo con su esencia y confirmó su carácter histórico, al obligar a las fuerzas hasta entonces opuestas a unirse em contra suya*”.

como sinal de protesto”.<sup>117</sup> A Inglaterra moveu-se imediatamente para leste no intuito de realizar uma aliança com Moscou, objetivo no qual foi bem-sucedida. Pelo acordo, ambos os países se comprometiam a não selarem a paz em separado – como ocorrera com a França. Outro país que tinha relevância capital nessa conjuntura era o Japão. Com a atenção voltada para os problemas japoneses, os articulistas tinham de criar e rearranjar suas concepções políticas acerca de um novo possível beligerante inserindo-o em um dos campos em luta.

Pressionado pelos Estados Unidos a renunciar às suas conquistas na China, o país se via na contingência de lutar contra os anglo-americanos no Pacífico ou auxiliar os alemães em uma guerra contra os russos, inimigos do Japão desde 1905. Para os colaboradores, todavia, aos japoneses também não era interessante que os alemães se expandissem para o Oriente.<sup>118</sup> Percebe-se, assim, como as relações internacionais do período eram volúveis e como elas oscilavam entre complexos interesses. A delicada situação japonesa apareceu no comentário do dia nove de julho da seguinte forma:

Portanto, vencida a Rússia, não será de admirar que a Alemanha atual, que tanto se preocupa com raças e espaço vital, se delibere a promover uma cruzada santa contra os povos do Extremo Oriente.

---

117 Carta de Marina Mesquita a Julio de Mesquita Filho, datada de 15 de julho de 1941 (in Mesquita Filho, 2006, p.276).

118 Alguns articulistas escreveram comentários em que idealizavam satiricamente um encontro germano-nipônico às margens do Ganges. No dia primeiro de agosto de 1941, por exemplo, se lia que: “Perguntaram a Bonaparte, quando este ainda frequentava o Colégio Militar: ‘Como procederá se, em meio da batalha, faltar armas e munições aos seus soldados?’ E ele respondeu, sem tartamudear: ‘Irei buscá-las ao campo inimigo.’ [...] Há muita lenda em tudo o que diz respeito a esse guerreiro. [...] Dois meses antes do ataque à Rússia, os chefes do Kremlin pediam, aos generais dos seus exércitos, que tivessem presentes à campanha de 1812. [...] Como se estivessem sob a égide de Alexandre I, eles e seus soldados combatem tenazmente, e, na retaguarda, destroem tudo que possa ser útil aos antagonistas. Não deixam nada de pé, nem mesmo um poste de fios telegráficos. São os comunicados alemães que o informam. [...] À laia de pilhéria vaticinamos o encontro, às margens do Ganges, dos totalitários europeus e asiáticos” (cf. “Tema cediço” in *O Estado de S. Paulo*, 1º ago. 1941, p.16).

Por outro lado, não convém a Tóquio aproximar-se da União Soviética. Porque esta é sua inimiga natural.<sup>119</sup>

Como se vê, a atitude do Japão estava diretamente relacionada aos resultados que a guerra germano-russa proporcionava. Os responsáveis pela publicação mostraram, em distintos momentos, que os nipônicos só se engajariam em uma luta contra os eslavos se a Alemanha vencesse, vertiginosamente, os obstáculos que levavam a Moscou.<sup>120</sup> Dessa forma, como a invasão alemã parou a poucos quilômetros da capital russa, os japoneses contemporizaram e voltaram sua atenção para o Oceano Pacífico e para os sonhos de expansão imperialista.

As sabotagens na retaguarda alemã e nas regiões conquistadas não tardaram.<sup>121</sup> Insuflados pela propaganda aliada e pelo desejo de liberdade, grupos de resistência de vários países iniciaram uma longa guerra de guerrilhas contra as tropas de ocupação. Em 22 de julho, o articulista destacava esse fato lembrando, porém, que “a campanha não é nova. Ela vem desde que começou o conflito, isto é, desde o ataque à Polônia”.<sup>122</sup> As represálias também não demoraram a suscitar a preocupação e o assombro dos articulistas. Dois dias depois, intitulado de “A guerra obscura”, o artigo expunha:

Sim, as sabotagens degeneram em represálias hediondas. Nunca, como agora, se fuzilou ou se enforcou tanto como no Velho Con-

119 Cf. “A atitude do Japão” in *O Estado de S. Paulo*, 9 jul. 1941, p.14.

120 Essa possibilidade era um dos destaques do comentário publicado a 22 de junho de 1941, no qual o colaborador ponderava que: “Se os germânicos se aproximarem de Moscou, o Japão, a Manchúria e o governo fantoche de Pequim hão de declarar guerra à Rússia. Sempre temos curiosidade de saber com que palavras o sr. Goebbels descreverá um possível ‘Dunquerque soviético!’. Não se riam os leitores. Alguns correspondentes de guerra destacados em Berlim narram que, em círculos dali, se considera fácil a conquista da Sibéria” (cf. “Declarações de guerra” in *O Estado de S. Paulo*, 22 jun. 1941, p.32”).

121 Vale lembrar que, ao se referirem à luta na retaguarda e a reação do país que ocupava essas áreas, os responsáveis pela publicação utilizavam palavras como “escuro” e “obscuro”, que expressavam a amplitude e a violência dos combates travados nesses locais.

122 Cf. “A indústria pesada e o trigo...” in *O Estado de S. Paulo*, 22 jul. 1941, p.18.

tinente. [...] Nórdicos e meridionais, unidos na comunhão dos sacrifícios, erguem-se contra o terrorismo de dirigentes tresloucados que, por seus escribas, se apresentam como deuses infalíveis. [...] Os exércitos mantêm-se disciplinados, na vitória e na derrota. Os invencíveis sonham com novas façanhas, e os outros marcham para os campos de concentração, sem mugir nem tugar. [...] O marechal Luddendorf, nas suas “Memórias” e nos discursos posteriores, chamou a atenção dos seus “alunos” para os perigos da mistura que, em momentos dados, se estabelece entre combatentes e não combatentes, que aguardam curiosamente os desfechos. Para esse estrategista, foi essa mistura, e não os aliados, que apressou a queda do “Primeiro Reich”. Hoje, a tarefa apresenta-se mais gigantesca. Não se procura destruir este ou aquele Império, mas extirpar uma mentalidade, nociva e anormal, que cogita de abarcar o Universo inteiro.<sup>123</sup>

A última assertiva revela, de forma inquestionável, o posicionamento do jornalista responsável pelo texto. A luta não era somente contra “Reichs”, mas, sim, contra uma “mentalidade”, o que elevava o problema a outro nível. Não bastava, dessa forma, vencer o país ou Estado em questão. Essa “mentalidade” deveria ser massacrada, “extirpada” para que o “Universo inteiro” voltasse à paz.

Pode-se questionar, porém, a que “mentalidade” o articulista se referia. A guerra germano-russa se constituiu em um desafio para as interpretações dos colaboradores, uma vez que, a despeito de toda a tradição anticomunista do matutino, os comentários exibiam uma incontestável negação à Alemanha e a tudo o que ela representava. Além disso, o governo brasileiro não era neutro no que se referia a esse conflito. Entre a Alemanha e a União Soviética, o Brasil apoiava a primeira, emitindo, via DIP, ordens para que os russos fossem dura e constantemente criticados.<sup>124</sup> Os colaboradores criaram, por meio

123 Cf. “A guerra obscura” in *O Estado de S. Paulo*, 24 jul. 1941, p.16.

124 Segundo José Inácio de Melo Souza (2003, p.192-3), “para o DIP, a avançada das tropas germânicas se transformara num passeio: permitia-se um telegrama da Reuters anunciando a destruição de uma divisão soviética e 100 tanques; proibiam-se quaisquer telegramas da UP comunicando ‘vantagens russas’. As

dos comentários, um espaço pelo qual o ideal democrático continuava a reverberar nas páginas do matutino mesmo depois da ocupação. Entretanto, diante dessa luta, parecia haver, pela primeira vez, uma sintonia entre as ordens emitidas pelos censores e a escritura dos textos. Foi somente nesse período que os interesses defendidos pelo Estado brasileiro e pelos colaboradores convergiram, auxiliando na formação de uma atmosfera desfavorável aos interesses soviéticos.<sup>125</sup> Em 15 de agosto, outro comentário conclamava pela união de todas as forças para a derrota final do comunismo. No texto se lia que:

Vai para um mês que, em vários lugares, se fala em paz. Os alemães estavam “na iminência de ocupar Moscou, Leningrado e Kiev”, e as agências informam que havia um trabalho nesse sentido. [...] Assestando as bases da colaboração do seu Estado com a Alemanha, indiretamente Pétain deu vulto à ameaça ao hemisfério ocidental, isto é, a toda a América; a do Norte, a do centro e a do Sul. [...] Corre

---

vitórias russas ‘com números exagerados’ estavam igualmente vetadas. Em julho as proibições destinavam-se a qualquer declaração de dirigente soviético. Para o DIP, ‘Stalin não existe para o Brasil e assim como as suas não podem ser publicadas declarações de estadistas russos’. Este clima de ‘passeio guerreiro’ do qual o DIP participava culminou com a determinação do dia 11 de julho. O DIP advertiu à imprensa paulista de que o Brasil ‘não é neutro em relação à guerra teuto-russa. É contra a Rússia. Não permitir a mínima propaganda russa (expressão textual, para uso interno do Serviço de Controle: ‘Fuzilem a Rússia, impiedosamente...)’.

125 Depois da ocupação havia uma tensão entre a parte editorial e os comentários publicados em destaque pelo periódico. (Para um exemplo, por meio de imagem, ver no Anexo a Figura 5). Enquanto na primeira os redatores designavam o ditador Getúlio Vargas de “preclaro chefe da Nação”, enalteciam a ordem e conclamavam à disciplina, recorriam à tradição católica do Brasil, mostrando claramente que o jornal mudara de mãos, nos artigos assinados ou não a liberdade de interpretar os acontecimentos internacionais proporcionava possibilidades de críticas aos totalitarismos e de defesa do ideal democrático, que, direta ou indiretamente, se relacionavam ao Brasil. Nesse sentido, pode-se concluir que, mesmo ocupado, esse quadro do matutino se constituiu em um espaço de contestação dos totalitarismos e das ditaduras enquanto propugnava a vitória das democracias – no campo internacional – e o retorno desse regime no país em que o jornal ocupado era publicado.

que o chanceler teutônico fará novas propostas de paz, em nome da Europa continental, integrada na “nova ordem”. Se os visados repelirem tais propostas, dar-se-á a marcha para o extremo ocidente. E Vichi concordará com tudo, não negando mesmo o seu valioso apoio em favor da disciplina e da civilização. [...] Existe, numas e noutros, uma contradição, em que os dois incidem, lamentavelmente. Para defender a disciplina e a civilização da Europa, sob a égide da Alemanha, era natural que o Führer e Pétain se unissem fortemente não contra os anglo-saxões, mas contra a Rússia. Convinha que ambos, e mais os seus inúmeros aliados, concentrassem as suas forças na frente leste. A cruzada contra o comunismo não requer o sacrifício de países menores e distantes, de regimes insuspeitos, e nem o de potências liberais e capitalistas, como os Estados Unidos e a Grã-Bretanha. Verdade seja que estas deliberaram prestar auxílio ao império eslavo. Pois que esse auxílio fosse contrariado nos sítios onde ele se positivasse mais ostensivamente. À Alemanha, à França de Darlan e Laval competia inutilizar os reides cada vez mais mortíferos dos aeroplanos ingleses. E competia destruir o material que porventura o seu inimigo comum, a União Soviética, recebesse da América do Norte. Assim, justificava-se plenamente a cruzada contra o comunismo. E o resto do Universo, agradecido e contrito, não hesitaria em erguer loas aos modernos e épicos lidadores. Não se justifica, porém, que, por amor àquela disciplina e àquela civilização, se ponha de sobreaviso gente que não tem culpa dos atos de certas personalidades responsáveis pelo desencadeamento da presente guerra...<sup>126</sup>

Ainda que nos primeiros artigos sobre a guerra no leste os responsáveis pela publicação tenham adotado uma estratégia de apresentação que privilegiava as dificuldades que os alemães enfrentariam nesse conflito, com as seguidas vitórias das forças invasoras, os colaboradores, pautados por uma tradição de crítica ao comunismo, voltaram a expressar o desejo de que essa ideologia e seus líderes

---

126 Cf. “As contradições da paz” in *O Estado de S. Paulo*, 15 ago. 1941, p.16.



fossem derrotados.<sup>127</sup> Pela destruição do regime instaurado pela Revolução de 1917 os articulistas matizavam as críticas ao regime colaboracionista francês e insinuavam: se os aliados insistissem em auxiliar os russos, que as forças franco-germânicas frustrassem essa ajuda, combatendo-os em nome da civilização ocidental. De acordo com o texto, uma ameaça a distantes países não se justificava quando todos falavam em salvar a civilização e quando o maior perigo vinha do leste.<sup>128</sup> Assim, todos deveriam se unir para acabar com o regime russo recebendo, os vencedores, os agradecimentos do “resto do Universo”.

Para os colaboradores, a Alemanha deveria se unir aos vários povos que dominava para destruir a União Soviética, encarnação do mal. Além de concitar o regime colaboracionista francês a auxiliar nessa empresa, outro comentário trouxe uma nova sugestão. No dia 12 de setembro, o jornalista afirmava:

Ora, o Reich empenha-se numa luta gigantesca contra um Império que se encontra sob um regime renegado pela civilização cristã. Seria mais louvável e heroico que os seus condutores estimulassem

---

127 Stanley Hilton (1991, p.169) destacou o papel da censura na luta contra o comunismo no Brasil nesse período. Para ele, “*censorship was another important weapon in the crusade against bolshevism. The police department, in charge of monitoring the press until January 1940, sought to suppress anything that might be construed as favorable to Russia or communism – at the same time that it blessed articles that attacked the Soviet Union. The hostility demonstrated by the major dailies toward the USSR thus reflected not only editorial, but official, sentiments*”.

128 Os jornalistas escreveram, no dia anterior a esse comentário, um outro texto no qual concluíam: “Tem-se a impressão de que o herói de Verdun quer conservar em suspenso uma ameaça ao hemisfério ocidental. Ameaça que se pode traduzir nestes termos: se os Estados Unidos não remeterem víveres, o almirante Darlan permitirá que as colunas blindadas, estacionadas em Baiona e cercanias, marchem rumo à Península Ibérica, de Portugal e ilhas adjacentes, e a esquadra do mesmo almirante Darlan, no Mediterrâneo, se encarregaria de transportar, para a África, as forças que hão de ocupar Marrocos e Senegâmbia, nas costas do Atlântico. Não foi esse o intento do preclaro chefe? Oxalá. Mas a conclusão a tirar das suas palavras é aquela mesma, que sobremodo afetará países não envolvidos” (cf. “Nos dois extremos” in *O Estado de S. Paulo*, 14 ago. 1941, p.16).

os exércitos, que se fixaram na frente leste. E cremos que os seus esforços com esse propósito haviam de ser levados em conta pelos povos que representam aquela civilização.<sup>129</sup>

Mais uma vez, os colaboradores expunham o desejo de que o país do chanceler Hitler derrotasse o comunismo e que, se tal ocorresse, os países que compunham a civilização ocidental reconheçam esse esforço.<sup>130</sup> No dia 10 de outubro de 1941, os responsáveis pela publicação explicavam aos leitores quais os caminhos que se abriam para a humanidade diante do embate que se travava:

Os totalitários inventaram a nova ordem. A princípio, ela devia implantar-se no velho continente. [...] Em fins de setembro de 1940, Berlim consultou os diplomatas aliados e, sem mais preâmbulos, proclamou que a nova ordem se estenderia a todo o planeta. [...] Em suma: temos diante de nós uma “nova ordem” política, preconizada por potências totalitárias, e um “mundo diferente”, preconizado pelas democracias. A “nova ordem” política e social já se sabe como se manifestará; e o “mundo diferente” constitui uma esperança. E isso de alimentar esperanças é mais próprio do homem do que viver em contínuos choques, como acreditam os filósofos da indústria pesada...<sup>131</sup>

Nesse excerto evidencia-se o quanto o problema soviético era complexo para as explicações dos articulistas. O autor desse texto não assinado apresentou a luta entre totalitarismo e democracia de cujo

129 Cf. “A história pode repetir-se” in *O Estado de S. Paulo*, 12 set. 1941, p.16.

130 Outras ideias para a derrota do comunismo foram apresentadas pelos colaboradores. No dia 19 de novembro de 1941, lia-se, no texto não assinado, que: “Não atinamos porque não se pretende armar os prisioneiros franceses que sobem a um milhão e oitocentos mil homens para eliminar mais depressa a frente oriental...” (cf. “Mediterrâneo ou Atlântico Sul” in *O Estado de S. Paulo*, 19 nov. 1941, p.16). É importante lembrar que, na luta contra a Rússia, os alemães contaram com tropas espanholas, italianas, romenas, eslovacas, húngaras e finlandesas.

131 Cf. “Um mundo diferente” in *O Estado de S. Paulo*, 10 out. 1941, p.16.

resultado julgava que surgiria uma “nova ordem” ou um “mundo diferente”. Mas pode-se questionar em qual dos campos se situara a União Soviética, uma vez que, em última análise, esse país seria derrotado, ou mesmo por que era considerado tão inferior pelo autor que não merecia nenhuma classificação. O que abre a interessante questão de saber que lugar ele reservava para a União Soviética.

Ao se referirem às batalhas que se travavam na frente oriental, os articulistas escreveram que “designaremos por ciclópicas, pois que gigantescas já não lhes cabem mais”.<sup>132</sup> Para os autores dos textos, a guerra não era entre países. Segundo eles,

Hoje em dia, a luta não é entre potências limítrofes, e sim entre continentes. A Alemanha fez a unidade europeia à sua maneira. E não podendo atravessar o Atlântico, por causa do baluarte das ilhas britânicas, rumou para a Ásia a fim de esmagar os que, direta ou indiretamente, tentam impedir a execução dos seus planos. [...] O conflito evoluiu muito em favor de um beligerante afortunado, que não se contenta apenas com um continente, senão com dois ou mais.<sup>133</sup>

O Japão, que deixara de receber o petróleo norte-americano e que já havia entrado em choque com os interesses britânicos no continente asiático, se encontrava, no entendimento dos colaboradores, em uma encruzilhada. As suas perspectivas eram atacar os impérios que o ameaçavam ou aceitar, abrir mão da pretensão de se consolidar como uma potência. Na verdade, era essa a condição que britânicos e norte-americanos cobravam dos japoneses em relação à China, por exemplo.

A crescente tensão entre nipônicos e norte-americanos culminou no ataque à base de Pearl Harbor, no Pacífico. Esse ataque inaugurava uma nova fase da guerra, que deixava de ser exclusivamente europeia e se tornava mundial. Como lembrava o colaborador ainda em outubro

---

132 Cf. “Um momento oportuno” in *O Estado de S. Paulo*, 12 out. 1941, p.32.

133 Cf. “A hora do Japão” in *O Estado de S. Paulo*, 16 out. 1941, p.18.

desse ano, “às vezes as operações longínquas se ligam e se entrelaçam”.<sup>134</sup> No caso do ataque japonês à base norte-americana, os fios que se interligavam afetaram as relações internacionais de todo o planeta.

Para os alemães, o ataque era um indício de que não haveria uma intervenção nipônica na União Soviética e que, dessa forma, eles lutariam sozinhos. Para os britânicos, o ataque selava, agora formalmente, uma aliança entre as maiores democracias do mundo contra os totalitários da direita. Para os norte-americanos, era o início da caminhada rumo ao *status* de superpotência. No entendimento dos colaboradores, a lógica ausente desde o início de 1938 voltara ao mundo. Quando a Alemanha declarou guerra aos Estados Unidos, o articulista afirmou:

Finalmente, a Alemanha declarou guerra aos Estados Unidos. Esclarece-se a situação do ponto de vista político e militar. Era preciso que não vingasse a dubiedade. Foi na cauda do aliado. [...] Veio a guerra dos continentes e a Alemanha se eclipsa diante da grandeza trágica dos fatos da Ásia. Parece exausta.<sup>135</sup>

Pelo comentário, pode-se concluir que os articulistas insistiam, ao apresentar o conflito ao leitor, na divisão entre democracia e totalitarismo. A dubiedade não vingou porque, com a declaração de guerra, a situação estava, com exceção da União Soviética, definida: Itália, Japão e Alemanha contra Inglaterra, Estados Unidos e Rússia, atacada pelos germânicos. Na verdade, a realidade se mostrou mais complexa do que a polarização simplista entre democracia e totalitarismo. Assim, desse ponto em diante, os colaboradores teriam de realizar constantes esforços para apreender e apresentar aos leitores como a União Soviética era aliada das democracias mesmo sendo um regime totalitário, e como eles mesmos, que sempre se mostraram anticomunistas convictos, lidaram com essa imposição: a aliança entre os Aliados e os comunistas. A publicação de mapas da União

134 Cf. “No reino das surpresas” in *O Estado de S. Paulo*, 7 out. 1941, p.18.

135 Cf. “As grandes perdas navais” in *O Estado de S. Paulo*, 12 dez. 1941, p.16.

Soviética que serviam para assinalar em que regiões a luta era travada também contribuiu para demonstrar quanto os soviéticos lutaram para reconquistar seus territórios, aumentando o conhecimento que os leitores tinham daquela nação, que, até então, era hostilizada em quase todas as esferas da sociedade brasileira.

Se, todavia, no cenário internacional a dubiedade se desvanecera, a luta dos responsáveis pela publicação continuava na esfera da política interna, em que o presidente Getulio Vargas oscilava entre o comprometimento com a causa aliada, que os artigos do periódico defenderam antes mesmo da guerra.

O ataque nipônico a Pearl Harbor e as dificuldades da Alemanha em terminar a guerra no leste serviram de estímulo aos articulistas para relembrar mais uma vez os tempos de 1812 e para comparar a situação de 1941 com a da conflagração anterior. Em 19 de dezembro lia-se que:

Em novembro de 1812 começou a retirada de Napoleão das estepes, em novembro de 1918, começou a retirada dos teutos, a pouca distância de Paris; em novembro de 1940, os totalitários começaram a experimentar reverses. Sem dúvida tratava-se de meras coincidências, que não obedeciam nem obedecem aos imperativos da lógica. [...] Neste último mês mudou ou não mudou o cenário? A guerra não se desenvolve num ritmo muito diferente? Não é preciso sutileza de dialética para responder, pela afirmativa, às perguntas formuladas. [...] Na frente leste, o ataque final contra Moscou foi bem até certa altura. Os eslavos recuaram defendendo-se sempre. [...] Mais ao sul, Timochenko abatia os invasores em Rostov, posição chave do Cáucaso. O sucesso animou o general Zukhov, que transformou os contra-ataques táticos em uma contraofensiva estratégica. Inúmeras aldeias e pontos básicos não mencionados foram retomados. [...] Os críticos de mais de quarenta anos escreveram como se estivessem diante de um Marne, em ponto maior. E os românticos inveterados estabeleceram um paralelo entre essa retirada, que se esboçava, e a do corso General, há cento e tantos anos.<sup>136</sup>

---

136 Cf. "Coincidências e realidades" in *O Estado de S. Paulo*, 19 dez. 1941, p.1.

As previsões dos colaboradores para a Alemanha eram as piores. Segundo eles, “muita coisa indica que o ano de 1942 será, para eles, como o ano trágico de 1918”.<sup>137</sup> O inverno russo paralisara as ações das tropas germânicas que se retiravam para posições defensivas.<sup>138</sup> Enquanto isso, o Japão ampliava seus domínios na Ásia ao invadir as regiões que lhe forneceriam as matérias-primas das quais o país era carente.

A entrada dos Estados Unidos no conflito mobilizou as forças não só norte-americanas, mas também da grande maioria dos países do continente.<sup>139</sup> E o Brasil tinha uma enorme relevância nesse cenário, não só em virtude de suas significativas fontes de matérias-primas, como também em virtude de sua posição geográfica. Se durante o período em que os alemães conquistaram praticamente todo o continente os articulistas mantiveram postura extremamente cética e crítica, a ampliação da guerra com a entrada de outras potências favoreceu a ideia de que a história estava mesmo a repetir-se.

Mas havia uma outra e fundamental razão para essa postura. Com a participação dos norte-americanos, os colaboradores acreditavam que o Brasil deveria adotar uma posição que se coadunasse com a sua história diplomática e tradição nas relações internacionais. E essa tradição ia ao encontro da causa das democracias, em luta contra os totalitarismos e colocava, portanto, em xeque o regime inaugurado pela Carta de 1937.

---

137 Cf. “Quantidade e qualidade” in *O Estado de S. Paulo*, 20 dez. 1941, p.18.

138 Stanley Hilton (1991, p.180-1), ao descrever a reação que os sucessos defensivos soviéticos causavam no Brasil, assinalou que “*Soviet success in stopping the initial German invasion short of Moscow, coupled with the rapid consolidation of the American-Russian alliance following Pearl Harbour, seemingly gave strong impetus to Communist activities at home, a development scrutinized with mounting disquiet by the army high command in the early months of 1942. In a memorandum to Vargas late in February, Dutra declared that communism was one of the main problems facing the army, and by midyear, after months of newspaper headlines about the heroism of the Red Army, his sensitivity to perceived leftist propaganda seemed to reach new levels*”.

139 Uma das exceções é a Argentina, que somente entrou na guerra ao lado dos Aliados em 27 de fevereiro de 1945, quando a derrota do Eixo era iminente. Além daquele país, o Chile, o Uruguai, o Peru, o Paraguai, a Venezuela e o Equador também se imiscuíram somente nos últimos momentos da luta.